

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

THIAGO AUGUSTO ARLINDO TOMAZ DA SILVA CREPALDI

**JORNALISTAS E CIENTISTAS:
UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE OS RITOS DE INTERAÇÃO NA
DIVISÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

UBERLÂNDIA

2019

THIAGO AUGUSTO ARLINDO TOMAZ DA SILVA CREPALDI

**JORNALISTAS E CIENTISTAS:
UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE OS RITOS DE INTERAÇÃO NA
DIVISÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção de grau de bacharel em Jornalismo, apresentada à Faculdade de Educação – FAGED/UFU.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Cristina Omena dos Santos.

UBERLÂNDIA

2019

THIAGO AUGUSTO ARLINDO TOMAZ DA SILVA CREPALDI

**JORNALISTAS E CIENTISTAS:
UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE OS RITOS DE INTERAÇÃO NA
DIVISÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Monografia aprovada para a obtenção do título de
bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal
de Uberlândia pela banca examinadora formada
por:

Uberlândia, 13 de dezembro de 2019.

Dr.^a Adriana Cristina Omena dos Santos – UFU/MG

Orientadora

Ms Ana Beatriz Camargo Tuma – USP/SP

Examinadora

Ms Daniela Ávila Malagoli – UFU/MG (Instituto Meu cérebro)

Examinadora

UBERLÂNDIA

2019

AGRADECIMENTOS

Aos queridos professores e professoras do Curso de Jornalismo da UFU, por me estimularem à reflexão crítica e me ensinaram o compromisso ético profissional;

Ao professor Gerson de Souza e ao Reinaldo Maximiano Pereira, por me apresentarem as metodologias de pesquisa em Comunicação e por acreditarem na minha capacidade de fazer pesquisa;

À equipe da Divisão de Divulgação Científica UFU, em especial a Renata Neiva e Diélen Borges, por permitirem que este estudo fosse realizado. Toda minha gratidão pelas vivências e trocas;

A Ana Beatriz Camargo Tuma e Daniela Ávila Malagoli, pela leitura dedicada e por aceitarem o convite para avaliar esta pesquisa;

A Adriana Omena dos Santos, por cada momento de aprendizado, reflexão e de inspiração. Minha eterna gratidão por confiar em mim;

A Hêmille Perdigão, pela leitura atenciosa e pelas sugestões de correções para a versão final dessa monografia.

Aos meus amigos e amigas que a vida tem me dado, aos de perto e aos de longe, por me ouvirem e me oferecerem um conforto emocional. Vocês foram imprescindíveis;

Aos meus pais e irmãos, por respeitarem os meus sonhos e por embarcarem comigo nesta segunda graduação. Amo muito vocês;

Aos Capitólindxs (República Capitu da UFOP), por me acolherem durante as minhas últimas reflexões desta pesquisa. Meu saudoso abraço do “Zinão da Massa”;

Ao Decano da República Capitu e companheiro Daniel, por ter me apoiado em tudo que precisei, do notebook para a escrita final até o colo nos momentos de mais dificuldade. Meu reconhecimento e carinho eterno por você querido;

A todos que fizeram parte disso, minha gratidão!

CREPALDI, Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva. **Jornalistas e cientistas: um olhar etnográfico sobre os ritos de interação na Divisão de Divulgação Científica da Universidade Federal de Uberlândia**. 2019. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso partiu de questionamentos acerca de “como as diferenças entre as culturas profissionais se colocam em negociação na interação entre jornalistas e cientistas durante os processos de produção dos conteúdos do Jornalismo Científico e da Divulgação Científica”. Para responder a essa pergunta, investiu-se de um esforço teórico-metodológico fundamentado no Interacionismo Simbólico e na perspectiva etnográfica. O estudo de campo foi realizado na Divisão de Divulgação Científica da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, setor que integra a Diretoria de Comunicação da UFU. Foram interesses desta pesquisa: observar os processos de feitura dos produtos jornalísticos no setor, compreender como se dá a interação entre jornalistas e cientistas em tal processo, conhecer a rotina de produção jornalística sobre ciências, perceber quais são os tipos de relações e interações que acontecem no cotidiano, bem como apontar como as relações e interações interferem nos processos produtivos sobre ciências na Divisão. Assim sendo, os achados deste estudo reforçam a importância das fontes de informação, no caso os cientistas, para a produção do Jornalismo Científico. O Setor cultiva a boa relação entre jornalistas e cientistas, sempre buscando manter o contato face a face com os cientistas, o que permite negociar os interesses, trocar e acessar as informações de forma mais eficiente e aprofundada.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia de uma redação; Jornalismo; Interacionismo Simbólico; Divulgação Científica; UFU.

CREPALDI, Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva. **Jornalistas e cientistas: um olhar etnográfico sobre os ritos de interação na Divisão de Divulgação Científica da Universidade Federal de Uberlândia**. 2019. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ABSTRACT

The present course conclusion paper started with questions about "how do differences between professional cultures come to be negotiated in the interaction between journalists and scientists during the production processes of the contents of Scientific Journalism and Science Communication". To answer this question, we invested in a theoretical-methodological effort based on Symbolic Interactionism and ethnographic perspective. The field study was carried out at the Science Communication Division of the Federal University of Uberlândia - UFU, which is part of the Communication Directorate of UFU. The interests of this research were: to observe the processes of making journalistic products in the Sector, to understand how the interaction between journalists and scientists takes place in this process, to know the routine of journalistic production about sciences, to understand what are the types of relationships and interactions that happen in the daily life, as well as point out how relationships and interactions interfere in the productive processes about science in the Division. Thus, the findings of this study reinforce the importance of information sources, in this case scientists, for the production of Scientific Journalism. The Sector cultivates a good relationship between journalists and scientists, always seeking to maintain face-to-face contact with scientists, which allows them to negotiate interests, exchange and access information more efficiently and in depth.

KEYWORDS: Ethnography of a news workplace; Journalism; Symbolic Interactionism; Science Communication; UFU.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Opinião dos entrevistados sobre os benefícios e malefícios da ciência e tecnologia.....	p. 34
Figura 2 -	Opinião dos entrevistados sobre a imagem dos cientistas.....	p. 35
Figura 3 -	Sala da Divisão de Divulgação Científica da UFU. De cima para baixo, da coluna da esq. para a dir.: fachada da entrada; recepção; vista das três divisões da sala; quadros de avisos da segunda divisão da sala.....	p. 43
Figura 4 -	Quadro com as principais pautas externas de “contexto” levantadas para cada um dos meses de 2019.....	p. 48
Figura 5 -	Quadro de agendamentos da Equipe do Setor de Divulgação Científica da UFU e distribuição das pautas.....	p. 51
Figura 6 -	Encontro da equipe da Divisão de Divulgação Científica da UFU com o cientista no laboratório.....	p. 52
Figura 7 -	Encontro do Grupo de Estudos em Comunicação Pública da Ciência desenvolvido pela Divisão de Divulgação Científica da UFU.....	p. 60
Figura 8 -	Segundo módulo do Curso de Extensão “Divulgação Científica”: Como produzir conteúdo para os meios de comunicação?.....	p. 61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPC	Comunicação Pública da Ciência
DC	Divulgação Científica
Dirco	Diretoria de Comunicação
IS	Interacionismo Simbólico
JC	Jornalismo Científico
OS	Ordem de Serviço
Proex	Pró-reitoria de Extensão
Propp	Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	p. 9
2	O INTERACIONISMO SIMBÓLICO E ETNOGRAFIA COMO PERCURSO.....	p. 12
2.1	Origens e perspectivas do Interacionismo Simbólico.....	p. 12
2.2	Etnografia aplicada aos estudos interacionistas.....	p. 15
3	JORNALISMO, ASSESSORIA E O JORNALISMO DE CIÊNCIAS.....	p. 18
3.1	O mundo social do Jornalismo e as rotinas produtivas.....	p. 19
3.2	Jornalismo e Assessorias de Imprensa.....	p. 22
3.3	Divulgação científica e o jornalismo científico como conceitos.....	p. 25
4	AS FONTES NO CAMPO JORNALÍSTICO E OS CIENTISTAS.....	p. 31
5	DIVISÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA UFU E OS RITUAIS DE INTERAÇÃO ENTRE JORNALISTAS DE CIÊNCIAS E OS CIENTISTAS.....	p. 41
5.1	Redação da Divisão de Divulgação Científica UFU.....	p. 42
5.2	A Divisão de Divulgação Científica além do ambiente de redação.....	p. 56
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 63
	REFERÊNCIAS.....	p. 65

1 - INTRODUÇÃO

Esta monografia surge do cruzamento de dois caminhos formativos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU): como biólogo, o que move é a vontade de entender como os cientistas contribuem para as produções do Jornalismo e/ou da Divulgação Científica; como jornalista, o que motiva é a curiosidade de compreender como os repórteres participam das produções do Jornalismo Científico (JC) e/ou Divulgação Científica (DC).

No ponto de interseção entre cientistas e jornalistas, pelas especificidades de cada um, era de se esperar que essa relação fosse complexa, ainda mais por envolver a mediação e tradução dos discursos de um campo (Ciências¹) para o outro (Jornalismo) e deste para outro (Público e Poder Público). Deste modo, cabe recorrer ao texto “O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos”, de Fábio Henrique Pereira (2014), que elucida que os processos de produção de notícias são marcados por dinâmicas interativas no mundo social, envolvendo, portanto, a interação entre os(as) repórteres (jornalistas), fontes (cientistas), os públicos (leigos/especializados) e os agentes públicos (produtores de políticas públicas).

Pela vivência nesse mundo social, como biólogo e jornalista, reconheço que há diferenças entre os modos como se dá a produção do conhecimento nos dois campos. Porém, ainda assim, em termos práticos, tanto a DC quanto o JC são produzidos. Mas questiono: como as diferenças entre as culturas profissionais se colocam em negociação na interação entre jornalistas e cientistas durante os processos de produção dos conteúdos do JC e/ou DC?

Para responder essa pergunta geradora, investiu-se em um arcabouço teórico-metodológico fundamentado no Interacionismo Simbólico (IS) e no viés etnográfico. Como local de estudo, escolheu-se a Divisão de Divulgação Científica da UFU, setor que integra a Diretoria de Comunicação da UFU (Dirco/UFU)². No site institucional da UFU³ a Dirco é responsável por manter a publicação de notícias e de conteúdos factuais cotidianamente, na sessão do portal chamada “Comunica UFU”, bem como atualizar o portal “Eventos” da universidade. Dentro do portal Comunica UFU⁴, a Divisão de Divulgação Científica se dedica

¹ Neste trabalho monográfico, corroboramos com a definição e a crítica do jornalista Wilson Costa Bueno (1985; 2014) no que tange ao conceito de jornalismo científico, o qual deve considerar as ciências na sua pluralidade, incorporando todas as áreas e subáreas do conhecimento. Por isso, consideramos objetos do JC e do DC as Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes. Nas palavras do autor: “os limites do jornalismo científico estão na especificidade do processo de comunicação jornalística”, (BUENO, 1985, p. 1423).

² Carinhosamente a equipe da Divisão de Divulgação Científica se refere à Dirco como “Dircona” e a si mesma como “Dirquinha”.

³ www.ufu.br/

⁴ www.comunica.ufu.br

a manter a sessão de Ciências, na qual são publicados conteúdos relacionados as produções, descobertas e estudos científicos produzidos na UFU ou com a participação dela⁵.

A escolha da Divisão de Divulgação Científica como local de estudo foi motivada pelo fato de ser esse um espaço de produção jornalística e de DC na universidade no qual seria possível observar as interações entre jornalistas e cientistas pela proximidade física. De fato, foi possível ir a campo para acompanhar, sistematicamente, como acontecem os rituais de interação, o que faz desta pesquisa indutiva, pois utiliza o acúmulo das observações para compreender os rituais de interações.

Assim sendo, foi interesse deste estudo observar os processos de feitura dos produtos jornalísticos no setor, buscando compreender como se dá a interação entre jornalistas e cientistas em tal processo. Além disso, objetivava-se conhecer a rotina de produção jornalística sobre ciências no setor, perceber quais são os tipos de relações e interações que acontecem no cotidiano e apontar como as relações e interações interferem nos processos produtivos sobre ciências na Divisão.

Este estudo se justifica, academicamente, por preencher uma lacuna formativa, pois, tanto no curso de Ciências Biológicas (2009 a 2015) quanto no de Jornalismo, iniciado em 2015, ambos na UFU, percebeu-se que existem poucos espaços de reflexão sobre os fazeres da DC e do JC. No curso da Biologia, não foi oferecida a possibilidade de adensamento teórico-prático sobre a DC e, no curso de Jornalismo, não existem muitos espaços estruturados para refletir sobre a DC e/ou o JC, havendo apenas uma disciplina de “Jornalismo Especializado”, que promove a apresentação das várias especialidades do Jornalismo, dentre as quais o JC; e um grupo de estudos chamado “Comunicação Pública e Cultura Científica”, coordenado por uma docente do curso de Jornalismo. Externamente ao curso, foram criados, pela Divisão de Divulgação Científica, outros dois espaços de formação: o Grupo de Estudos em Comunicação Pública da Ciência e o Curso de Extensão “Divulgação Científica”, esse último lançado durante a execução dessa pesquisa.

Para além disso, esta pesquisa se reveste de relevância social pelo esforço científico para elucidar as nuances das interações entre os jornalistas de ciência, pensados aqui como jornalistas especialistas, e os cientistas, considerados aqui as fontes de informações. A partir disso, torna-se possível compreender como que as interações entre os agentes determinam os formatos dos produtos que, em maior ou menor grau, aproximam a sociedade dos

⁵ www.comunica.ufu.br/ciencia

conhecimentos científicos. Desse modo, este estudo permitiu inferir considerações importantes para a compressão da realidade prática da área e das pesquisas do campo da Comunicação.

Sobre as pesquisas na área, a autora Aline Strelow (2011), no trabalho “O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010” apontou que, no período do levantamento, de um total de 853 textos, em 17 periódicos, apenas cinco trabalhos foram publicados sobre o IS. Por isso, este estudo se torna relevante para o campo dos estudos do IS aplicado no processo de produção jornalístico, especialmente no JC.

Além do mais, os resultados e análises desta pesquisa são pertinentes institucionalmente, pois vão se somar aos estudos que já foram produzidos na UFU sobre o JC e sobre a DC, contribuindo significativamente para o aprimoramento das produções da Divisão de Divulgação Científica da UFU e para novos estudos na área. Isso não deve se restringir apenas à UFU, evidentemente. As considerações desta pesquisa podem ser utilizadas como referência para outras instituições e espaços em que se deseje compreender as interações entre jornalistas e cientistas na feitura do JC e da DC.

A presente monografia está dividida em três capítulos, que, teórica e metodologicamente, ancoram o estudo. No segundo capítulo, “O Interacionismo Simbólico e etnografia como percurso”, faz-se uma retrospectiva das origens e perspectivas do IS, além de apresentar como a etnografia pode ser aplicada aos estudos interacionistas. Em seguida, no terceiro capítulo, intitulado “Jornalismo, Assessoria e o Jornalismo de Ciências”, entra-se na discussão sobre o mundo social do Jornalismo e das Assessorias de Imprensa, pensando nas rotinas produtivas. Ainda neste capítulo, são apresentadas as concepções conceituais sobre JC e sobre a DC. A problematização sobre quem são as fontes do jornalismo e a apresentação dos cientistas como fontes de informação são feitas no quarto capítulo, chamado de “As fontes no campo jornalístico e os cientistas”. Em seguida, parte-se para o capítulo de descrição e análise, “Divisão de Divulgação Científica da UFU e os rituais de interação entre jornalistas de ciências e os cientistas”, seguido, por fim, pelo capítulo das considerações finais e referências.

2 - O INTERACIONISMO SIMBÓLICO E ETNOGRAFIA COMO PERCURSO

Este capítulo tem o intuito de discutir brevemente os conceitos gerais que norteiam esta pesquisa, pontualmente, o IS e a Etnografia.

Para tratar do IS, revisito, principalmente, os autores Herbert Blumer (1980), com a obra “A natureza do interacionismo simbólico”; Carmem Lúcia da Silva (2012), em “Interacionismo Simbólico: história, pressupostos e relação professor e aluno; suas implicações”; Jorge Pedro Sousa (2006), no capítulo sobre “A escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico” da obra “Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media”; e Yun-Hee Jeon (2004), no artigo “A aplicação da teoria fundamentada e do interacionismo simbólico”.

No que tangencia à etnografia, me debruço sobre a obra “As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais”, escrita por Eugénio Silva (2013); o artigo intitulado “O sítio das drogas: etnografia urbana dos territórios psicotrópicos”, de Luís Fernandes (1995); o texto “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”, de José Guilherme Cantor Magnani (2009); e o artigo de Urpi Montoya Uriarte (2012), “O que é fazer etnografia para os antropólogos”.

Deste modo, este capítulo está dividido em duas partes, intituladas: “Origens e perspectivas do Interacionismo Simbólico” e “Etnografia aplicada aos estudos etnográficos”.

2.1 - Origens e perspectivas do Interacionismo Simbólico

Nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos, alguns teóricos refletiam sobre maneiras de desenvolver estudos científicos dos processos comunicativos, sobretudo com bases empíricas, objetivando fomentar aquilo que seria o projeto para uma nova ciência da comunicação. Dominando o debate entre 1910 e 1940, tem-se a chamada Escola de Chicago⁶, que dentro desse contexto é apontada como a primeira a desenvolver uma reflexão teórica sobre os processos de comunicação e sua influência na sociedade.

Na efervescência desse período, surge o ponto de ancoragem desta pesquisa, o IS, cuja proposta era criar ferramentas que permitissem aos pesquisadores analisar as interações sociais

⁶ Em meados de 1890, o campo da Sociologia estava em plena expansão e consolidação na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, com perspectivas que contemplavam, além do ensino, o desenvolvimento de pesquisas. Este fato, segundo Carmem Lúcia da Silva (2012), no seu artigo “Interacionismo Simbólico: história, pressupostos e relação professor e aluno; suas implicações” caracterizava uma situação inovadora para aquela época. O ajuntamento dos pesquisadores e suas “pesquisas empíricas voltadas para solucionar problemas sociais concretos da sociedade”, naquele momento, é o que se dá o nome hoje de Escola de Chicago (SILVA, 2012, p. 75).

por meio do estudo de diferentes grupos, mesmo que formados por um pequeno número de pessoas. De acordo com as pesquisadoras Virgínia Donizete de Carvalho, Livia de Oliveira Borges e Denise Pereira do Rego (2010), no artigo “Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social”, o IS começou a ser concebido, especialmente, entre as décadas de 1930 e 1940, no âmbito da Sociologia, e se desenvolveu como perspectiva teórica e metodológica nas duas décadas posteriores. Jorge Pedro Sousa (2006), na obra “Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media”, afirma que a expressão IS teria sido cunhada por Blumer, - que era um intérprete do filósofo e cientista social Georg Hebert Mead (1863-1931), - baseado no seguinte entendimento da Teoria da Psicologia Social:

Para ele [Blumer], os indivíduos agem a partir dos significados que atribuem às pessoas e às coisas enquanto interagem, incluindo aqueles que outro sociólogo de Chicago, Strauss, designa por “actores invisíveis”, como os entes queridos e mestres falecidos. A construção de significados, ou seja, a interpretação é construída, dinâmica e aberta, podendo a de hoje ser diferente da de amanhã (SOUSA, 2006, p. 206).

A partir destas leituras, Blumer desenvolveu as primeiras formulações teóricas do IS e as aplicou aos estudos do comportamento coletivo das massas, multidões e do público. Blumer estabeleceu seus pressupostos na sua mais importante publicação de 1969, intitulada “Interacionismo Simbólico: Perspectiva e método”⁷. Na referida obra, o autor compila as bases conceituais do IS como estruturadas quanto à natureza: “dos grupos humanos ou sociedades; da interação social; dos objetos; do ser humano como ator social; da ação humana e da interconexão das linhas de ação”⁸ (BLUMER, 1969, p. 4). Para Blumer, o termo “interação simbólica” refere-se primariamente às ações de interação linguística que envolvem palavras, símbolos verbais e significados. Segundo Blumer (1969, p. 2), a teoria do IS repousa sobre três premissas básicas:

A primeira premissa é que os seres humanos agem em relação às coisas com base no significado que essas coisas possuem para eles. Essas coisas incluem tudo o que o ser humano pode notar em seu mundo [...]. A segunda é que o significado de tais coisas deriva ou surge da interação social que cada um estabelece com seus semelhantes. A terceira é que esses significados são manuseados e modificados pelas pessoas por meio de um processo interpretativo, no trato com as coisas que elas encontrarem⁹ (Tradução nossa).

⁷ Título original: Symbolic Interactionism: Perspective and Method.

⁸ Texto original: “human groups or societies, social interaction, objects, the human being as an actor, human action, and the interconnection of the lines of action”.

⁹ Texto original: “The first premise is that human beings act toward things on the basis of the meanings that the things have for them. Such things include everything that the human being may note in his world [...]. The second premise is that the meaning of such things is derived from, or arises out of, the social interaction that one has with

Ao se amparar nessas premissas, o IS propõe um esquema analítico da sociedade humana e da conduta por meio da interação. Carvalho et. al. (2010) ressaltam que significado é uma das partes mais relevantes na compreensão das ações humanas, das interações e dos processos. Yun-Hee Jeon (2004), no artigo “A aplicação da teoria fundamentada e do interacionismo simbólico”¹⁰, aponta que os interacionistas argumentam que, “para alcançar uma compreensão completa do processo social, o investigador precisa se apoderar dos significados que são experienciados pelos participantes em um contexto particular”¹¹ (JEON, 2004, p. 250).

No texto de Carmem Lúcia da Silva (2012), “Interacionismo Simbólico: história, pressupostos e relação professor e aluno; suas implicações”, a pesquisadora descreve a interação, o interacionismo, a mente e os símbolos como questões implícitas do IS. Segundo a autora, a interação prevê a reciprocidade entre os sujeitos envolvidos; trata-se de “dinâmicas interativas, verbais e não verbais, permeadas pela troca e permutabilidade” (SILVA, 2012, p. 76).

Nesta direção, ainda segundo Silva (2012), a interação social admite a influência praticada pelos sujeitos em suas dinâmicas comunicativas. Por conseguinte, a estudiosa considera que o interacionismo está diretamente relacionado aos porquês explicativos e às consequências dos comportamentos, atitudes e reações interativas no dia a dia. Assim sendo, pelo olhar interacionista se reconhece que a personalidade e a sociedade são produtos das interações sociais (SEMINÉRIO, 1986, p.591 *apud* SILVA, 2012, p.76).

A mente, para o IS, é entendida como um processo ou atividade humana interna que tem a capacidade de organizar os pensamentos, compreender e apreender reflexivamente por meio dos sistemas simbólicos da interação do outro para si e de si para o outro. Sobre isso, Laura Ribeiro e Maria das Graças Bregungi (1986, p.83), no livro “Interação em sala de aula: Questões conceituais e metodológicas”, apontam que “o pensamento se torna interação simbólica de si para si – daí a importância dada aos processos simbolização, rotulagem, definição (de si, de situações, etc.) e atribuição de identidade”. Lendo Ribeiro e Bregungi (1986), Silva (2012) considera que os símbolos possibilitam traçar significados a partir das relações mentais em virtude de reflexões realizadas a respeito do comportamento dos diferentes sujeitos de um

one's fellows. The third premise is that these meanings are handled in and modified through, an interpretative process used by the person in dealing with the things he encounters”.

¹⁰ Título original: “The application of grounded theory and symbolic interactionism”.

¹¹ Texto original: “To reach a full understanding of a social process, the inquirer needs to ‘grasp’ the meanings that are experienced by the participants within a particular context”.

determinado grupo, proporcionando representações. Para a autora, os símbolos são importantes para o IS, pois eles portam, implicitamente, valores socioculturais e possibilitam a difusão da cultura da sociedade. Silva (2012, p. 77) afirma que a “ação entre os atores se torna repleta de sentidos para cada indivíduo e a capacidade de se situar na condição do outro é um fator que pode desencadear outras ações”.

Trabalhando estas questões implícitas do IS, Silva (2012) discorre sobre os pressupostos básicos desta abordagem:

os indivíduos agem com base nos significados representativos de suas interações sociais. O indivíduo através das leituras que faz de determinada atitude, ação ou comportamento de outrem, elabora estratégias para seus comportamentos. Desta forma, as conclusões que o sujeito “vê” e “percebe” podem ser parâmetros determinantes para as atitudes que ele terá em determinado grupo social. Para compreender os comportamentos desse indivíduo faz-se necessário conhecer como ele enxerga a sociedade, o que compreende como obstáculos e como alternativas (SILVA, 2012, p. 77).

A partir das leituras dos autores acima referidos, percebe-se que as concepções e a abordagem do IS, que surgiu nas áreas da Psicologia e Sociologia como uma teoria fundamentada, são norteadas pelo entendimento de que as atitudes diárias dos sujeitos, na sociedade ou em seus grupos sociais, instalam um ordenamento social dinâmico como o resultado das interações sociais. Para além disso, observa-se que é possível aproximar a abordagem do IS a diversos campos de pesquisa em que se percebe a interação. Pensando-se no jornalismo como uma prática social, em específico a especialidade do JC, pode-se investir nos fundamentos do IS para tentar compreender como se dá o processo de feitura dos produtos, tendo em vista as interações, ações e reações entre os diversos atores, em específico jornalistas de Ciências e cientistas.

2.2 Etnografia aplicada aos estudos interacionistas

A etnografia como percurso metodológico nasce na etnologia e na antropologia cultural nos anos de 1920 ao mesmo tempo. Na Inglaterra, ligada ao antropólogo social, Bronislaw Malinowski¹², da Escola de Economia e Ciência Políticas de Londres; nos Estados Unidos, pelos sociólogos da Escola de Chicago, (EVANS-PRITCHARD, 1972; HAMMETZ, 1980; COULON, 1992 *apud* FERNANDES, 1995, P. 23).

¹² Bronislaw Malinowski foi o primeiro a formular a etnografia como método em meados de 1922. No entanto, antes dele, nos Estados Unidos, os antropólogos Lewis Morgan, entre 1844-1846, e Franz Boas, entre 1883-1884, realizaram observações antropológicas (URIARTE, 2012).

Na obra “As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais”, Eugénio Silva (2013, s/p), citando Haguette (1995), apresenta que a inscrição da etnografia na tradição do IS é marcada pelo fato de que se tenta perceber o mundo por meio dos olhos dos agentes sociais, pelos significados que eles atribuem, nas palavras de Blumer, “às pessoas e às coisas enquanto interagem” (SOUSA, 2006, p. 206). Este fato caracteriza o trabalho de campo etnográfico como abordagem de pesquisa. Acerca disso, Luís Fernandes (1995), em seu estudo intitulado “O sítio das drogas: etnografia urbana dos territórios psicotrópicos”, considera que a etnografia é o compartilhamento de uma parte da vida dos sujeitos que estão sendo estudados durante um tempo. Assim, para a sua realização é necessário que o pesquisador permaneça no campo e aceite que haverá interação tanto entre ele e os sujeitos, quanto com as situações que ocorram durante o período de observação.

Nesta direção, ainda segundo Fernandes (1995, p. 23), “o principal instrumento da pesquisa é o próprio investigador”, uma vez que é ele que mergulha no contexto cotidiano, recolhe, registra, seleciona os dados por meio da observação, das conversas, das entrevistas com os interlocutores e da análise de fontes documentais, e, posteriormente, codifica e realiza as inferências por meio de um processo reflexivo. Urpi Montoya Uriarte (2012), no artigo “O que é fazer etnografia para os antropólogos”, destaca o fato de a abordagem etnográfica acontecer em contextos de diálogos, e é nesse diálogo que os dados se fazem para o pesquisador. Para Uriarte (2012, s/p) “a relação dialógica só é possível de ser estabelecida no meio de uma posição observador-participante, que cria familiaridade e possibilita a ‘fusão de horizontes’, condição indispensável para um verdadeiro diálogo”.

Sistematicamente, a pesquisa de campo de caráter etnográfico possui três fases. Uriarte (2012, s/p) aponta quais são elas:

a primeira delas é um mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar. A segunda fase consiste num longo tempo vivendo entre os “nativos” (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais); esta fase se conhece como “trabalho de campo”¹³. A terceira fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa.

Assim sendo, faz-se, no primeiro momento, a coleta em forma de descrições detalhadas, anotando tudo e transcrevendo as conversas, entrevistas e as observações. Nessa fase, Uriarte

¹³ De acordo com Uriarte (2012), não se deve confundir “trabalho de campo” com etnografia. Nas palavras do autor, “o trabalho de campo não é invenção da Antropologia nem muito menos monopólio dela. Mas o ‘campo’ antropológico supõe não apenas ir e ver ou ir e pegar amostras, mas algo mais complexo: uma co-residência extensa, uma observação sistemática, uma interlocução efetiva (língua nativa), uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito. Em uma palavra, o trabalho de campo antropológico consiste em estabelecer relações com pessoas.” (CLIFFORD, 1999 *apud* URIARTE, 2012, s/p).

(2012) aponta que o pesquisador deve acompanhar as pessoas de forma sutil, com perguntas obtusas, anotando tudo, porque não se sabe exatamente o que vai ser importante. Passado um período com muitas anotações e de incertezas, vem a segunda fase do trabalho de campo, que Uriarte (2012, s/p) chama de “momento da sacada”, no qual, segundo a autora, já é possível enxergar uma determinada constância e ordem nos acontecimentos, “quando certas informações se transformam em material significativo para a pesquisa” (URIARTE, 2012, s/p).

Relativamente a isso, José Guilherme Cantor Magnani (2009, p. 136), no artigo “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” sublinha que:

a ‘sacada’ na pesquisa etnográfica, quando ocorre – em virtude de algum acontecimento trivial ou não – só se produz porque precedida e preparada por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva. Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento, voltando à citação de Lévi-Strauss (MAGNANI, 2009, p.136).

Como colocado acima pelo autor, o momento da “sacada” deriva de uma relação com o tempo no campo e na atenção sensível. Tendo isso, segundo Uriarte (2012, s/p), é possível provocar um duplo processo no pesquisador: “por um lado, conseguir relativizar sua sociedade e, por outro, conseguir perceber a coerência da cultura do Outro”. Nas palavras de Roberto Da Mata (1981, p.144), citadas por Uriarte (2012, s/p) : “o tempo possibilita que o antropólogo torne exótico (distante, estranho) o que é familiar e familiar (conhecido, próximo) o que é exótico”.

Depois de encontrar a constância e a ordem dos acontecimentos, por meio do diálogo com os sujeitos, chega-se à terceira fase do fazer etnográfico: a escrita. Conforme Uriarte (2012, s/p), é desafiante converter as experiências totais em narrativa etnográfica, o que, segundo a autora, necessariamente exigirá um mínimo de coerência e linearidade no texto que não são próprias da vivência em campo.

Dito isso, esta pesquisa partiu dessa ancoragem etnográfica para compreender como se dá a interação entre os jornalistas científicos e os cientistas na Divisão de Divulgação Científica da UFU. Portanto, demandou a ida ao mundo dos jornalistas de Ciências, a estada com esses sujeitos e, essencialmente, a observação e o relacionamento com eles para obter informações detalhadas e, assim, atingir a “sacada” para compreender aquilo que acontece na realidade selecionada para observação/acompanhamento.

3- JORNALISMO, ASSESSORIA E O JORNALISMO DE CIÊNCIAS

Neste capítulo é apresentado a discussão sobre o jornalismo como uma realidade social complexa, a partir dos pressupostos do IS, que considera o dinamismo dos processos produtivos, bem como as transformações nos espaços jornalísticos, por meio das interações entre os atores sociais. Além disso, são tratadas as rotinas das assessorias e as especificidades dos jornalistas de ciências.

No que diz respeito ao mundo social do Jornalismo e dos jornalistas de ciências, releio: o autor Fábio Henrique Pereira (2009), em especial o texto “O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos”, a obra “Estudo do Jornalismo no Século XX”, do Nelson Traquina (2001) e o artigo de Enio Moraes Júnior e Maria Elisabete Antonioli (2016), intitulado “Jornalismo e newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online”. Para compreender o jornalismo e assessorias de imprensa, releio os apontamentos da Federação Nacional dos Jornalistas (2007) e os de Teresa Ruão, Felisbela Lopes e Sandra Marinho (2012), especialmente na obra “O poder da assessoria de imprensa na saúde em Portugal: Organizações, protagonistas e técnicas entre 2008-2010”. Além disso, busco compreender o *modus operandi* da assessoria na leitura do trabalho “Análise da assessoria de imprensa como atividade jornalística” de Vanessa Hrenechen e Arthur Soares (2016) e do “Tratado de comunicação organizacional e política”, de Gaudêncio Torquato (2011). E, para compreender as mudanças da atuação das assessorias, revisito o artigo “Em busca de uma atuação estratégica nas assessorias de imprensa” de Lincoln Franco (2006), bem como a pesquisa “Transformações na atividade de assessoria de imprensa no Brasil: um panorama atual da atividade a partir de pesquisa de campo exploratória”, desenvolvida por Jorge Duarte e outros autores (2018).

Para entender os conceitos de DC e de JC, consulto os textos do pesquisador Wilson Costa Bueno (1985; 2007; 2014), nomeadamente, “Jornalismo científico: conceitos e funções”, “Jornalismo Científico” e “A divulgação da produção científica no Brasil: a visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras”. Além disso, recorro ao artigo “Autoridade científica em tempos de crise epistêmica: a circulação de teorias da conspiração nas mídias sociais” da pesquisadora Thaiane Moreira de Oliveira (2019) e à dissertação de mestrado da Lara Lima (2000), intitulada “Jornalismo de precisão e jornalismo científico: estudo de aplicabilidade”, para perceber quem são os agentes sociais responsáveis pela DC e pelo JC, bem como as forças que atuam no processo de produção.

3.1 - O mundo social do Jornalismo, as rotinas produtivas e os rituais

O IS (IS), por meio do conceito de mundo social, permite interpretar o jornalismo como resultado de uma atividade cooperativa de diferentes atores sociais. De maneira concisa, Fábio Henrique Pereira (2009), no texto “O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos”, aponta que esse conceito busca interpretar como os comportamentos são elaboradas pelos atores, levando-se em consideração os limites da ação do seu interlocutor. Nas palavras do autor:

Cada interação se fundamenta em um processo complexo em que o indivíduo busca orientar suas ações a partir da forma como ele interpreta e antecipa a reação do outro. Efetivada essa reação, o sujeito reavalia sua linha de conduta e a orienta para a interação subsequente (PEREIRA, 2009, p. 220).

A partir dessas interações simbólicas, compreende-se que o funcionamento do jornalismo depende, portanto, de uma rede de colaboradores, a qual, de acordo com Pereira (2009, p. 217), inclui “as fontes, o público, os articulistas, cronistas, os assessores de imprensa, os anunciantes, os gráficos, os produtores de papel e tinta, etc”. Dito isso, os interlocutores envolvidos no processo jornalístico, ao interagirem entre eles, norteiam, podem confrontar, conservar ou alterar as suas concepções e suas ações no mundo, considerando a relação com o outro. Neste sentido, segundo Strauss (1992) *apud* Pereira (2009, p. 221), “a interação adquire um caráter evolutivo e transformador, construindo a identidade e a conduta individual, ao mesmo tempo em que funciona como instância de construção da realidade social”.

A partir dessa ideia, percebe-se o jornalismo como uma atividade social complexa, devendo ser tratado, portanto, como uma realidade social que se constrói a partir das interações simbólicas entre esses diferentes atores. Olhar para o jornalismo a partir do conceito de mundo social permite constatar o dinamismo do processo produtivo, bem como as transformações nos espaços jornalísticos, questões pertinentes para esta pesquisa. Pereira (2009) ressalta, ainda, as possibilidades de compreender questões ligadas à identidade e às práticas sócio-discursivas do jornalismo.

Na perspectiva dinâmica do interacionismo, Nelson Traquina (2001), na obra “Estudo do Jornalismo no Século XX”, encara o processo de produção das notícias como interativo, no qual, segundo o autor, “diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante e cuja necessidade de prever a cobertura dos fatos se materializa em um conjunto de rotinas produtivas” (TRAQUINA, 2001, p. 64). Dentre as particularidades do mundo dos jornalistas, Pereira (2009, p. 226) destaca “a periodicidade do veículo, as rotinas da

redação (pauta, apuração, redação, edição, diagramação) e as técnicas jornalísticas (lead e pirâmide invertida) ¹⁴”.

Com a virada do século XX para o XXI, período posterior ao estudo de Traquina (2001), mudanças aconteceram no fazer jornalístico, impulsionadas principalmente pelos avanços tecnológicos. Entretanto, segundo Enio Moraes Júnior e Maria Elisabete Antonioli (2016), no artigo “Jornalismo e newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online”, apesar destas mudanças, algumas certezas sobre o fazer jornalístico se mantiveram inalteradas, uma vez que o jornalista

[...] não trabalha sozinho nem trabalha para si. E ainda que em seu entorno e no entorno da construção da notícia atuem diferentes e contraditórias forças, a qualidade do que o jornalista faz terá mais sentido quanto mais sintonizado seu compromisso com o público, com cada cidadão (JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016, p. 44).

Assim sendo, cabe ressaltar que o jornalismo é resultado da atividade cooperativa entre diferentes atores. Por esse prisma, Traquina (2005) lança olhar sobre o contexto das rotinas de produção das notícias, denominada, pelas Teorias do Jornalismo, de newsmaking¹⁵. Nessa ótica, segundo o autor, a elaboração da pauta, a seleção das fontes e o trabalho de apuração, redação e circulação da notícia constituem elementos determinantes do fazer informativo, bem como as escolhas pessoais, editoriais, econômicas, políticas e ideológicas (TRAQUINA, 2005).

Corroborando com essas questões, Jorge Pedro Sousa (1999), em “As notícias e os seus efeitos”, explica que as notícias são como são devido às ações pessoais, sociais e culturais, em interrelação. Relendo Schudson (1988), Sousa (1999, s/p) aponta que:

Em conformidade com a ação pessoal, as notícias são vistas como um produto das pessoas e das suas intenções; a ação social dá ênfase ao papel das organizações (vistas como mais do que a soma das pessoas que as constituem) e dos seus constrangimentos na conformação da notícia; a ação cultural perspectiva as notícias como um produto da cultura e dos limites do que é culturalmente concebível no seio dessa cultura: isto é, uma dada sociedade, num determinado momento, só consegue produzir uma determinada classe de notícias.

Em meio a isso, pode-se considerar que o fazer jornalístico perpassa necessariamente por rotinas. Sousa (1999) chama a atenção para os fatores sociais e organizacionais que

¹⁴ Ressalta-se que estas são particularidades que dizem respeito à organização do trabalho e dos processos produtivos jornalísticos. Essas especificidades podem ser mais ou menos flexíveis a depender do meio ou veículo de comunicação, da linha editorial do veículo e de suas relações com as fontes.

¹⁵ O termo faz referência à produção de informação, partindo do pressuposto de que as notícias são construídas a partir dos fatos e das fontes.

interferem no processo produtivo, como o fato de as rotinas serem convencionadas ¹⁶, de as pessoas terem suas próprias rotinas, suas próprias culturas e estarem no meio social do jornalismo. As rotinas se desenvolvem para ajudar as pessoas a encontrarem respostas práticas às necessidades das organizações noticiosas e dos jornalistas (SHOEMAKER; REESE, 1996 *apud* SOUSA, 1999, s/p).

Para Traquina (2001, p. 75), baseado na teoria interacionista do jornalismo, os jornalistas, “confrontados com abundância de acontecimentos e escassez do tempo, lutando para impor ordem no espaço e ordem no tempo”, criam rotinas de “previsibilidade” e de “controle”. A finalidade é conseguirem cobrir e transformar os fatos em notícia, manter o fluxo constante e confiável de notícias. Além disso, as rotinas permitem que os jornalistas e as organizações noticiosas se protejam de críticas, o que Tuchman (1972) *apud* SOUSA (1999, s/p) denominou de “rotinas defensivas”, como, por exemplo, o uso de aspas ou colocar fontes em contraposição entre si.

Longe de serem iguais, as rotinas se diferem de organização para organização e podem ser frequentemente modificadas. Segundo Sousa (1999), as rotinas permitem perceber que a maior parte do trabalho jornalístico não se deve a um “faro” jornalístico, mas sim aos procedimentos rotineiros, convencionados. Neste sentido, de acordo com Sousa (1999), nessas situações a divisão do trabalho e a integração das partes asseguram a feitura do jornalismo, desde que se assegure o fornecimento da matéria-prima, que, no caso, são os acontecimentos.

Nesta direção das rotinas que asseguram o mundo social do jornalismo, adentra-se na contextualização dos rituais. Segundo Adriane Luisa Rodolpho (2004), no texto “Rituais, rituais de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica” os rituais quando colocados frente ao dilema da vida social ou ser o caos total – “onde ninguém segue nenhuma regra ou lei”-, ou ter uma ordem absoluta – “quando todos cumpririam à risca todas as regras e leis já estabelecidas”-, eles estruturam e organizam as posições dos agentes sociais, bem como os valores morais e as concepções de mundo (RODOLPHO, 2004, p. 139). Assim sendo, os rituais atribuem legitimidade e autoridade a feitura no jornalismo.

Ainda segundo Rodolpho (2004) existem diferentes rituais – seculares (demonstram as relações sociais - civis, militares, éticas, festivas) ou religiosos (evidenciam o sagrado e o transcendente)-, porém eles possuem uma marca comum, a repetição. Desta forma os rituais atribuem estabilidade, segurança e organização aos certos aspectos da vida social. “Pela

¹⁶ As rotinas de uma redação - reuniões, pauta, apuração, redação, edição, diagramação e distribuição-, bem como as técnicas jornalísticas (lead e pirâmide invertida) são exemplos de convenções correntes no mundo do jornalista (PEREIRA, 2008). Disponível na íntegra em: <http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/individual38fabiopereira.pdf>.

familiaridade com a(s) seqüência(s) ritual(is), sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social” (RODOLPHO, 2004, p. 139).

No livro “Rituais ontem e hoje” de Mariza Peirano (2003, p. 10), apresenta uma definição de ritual, na perspectiva dos estudos antropológicos contemporâneos: “consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela expressões e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e resalta o que já é comum a um determinado grupo”. Deste modo, segundo Peirano (2003, p. 11) os rituais constituem sistemas culturais de comunicação simbólica:

Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional (como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento); 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação (um exemplo seria o nosso carnaval) e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance (por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo).

Posto isso, a definição assim formulada pode ser entendida como um conceito, e as situações que assim se caracterizam podem ser consideradas rituais, de acordo com os critérios acima. Tendo isso em mente, é possível lançar o olhar sob rituais que estão envolvidos nos procedimentos rotineiros que acontecem na Divisão de Divulgação Científica da UFU para buscar compreender, pela perspectiva do mundo social do jornalismo, como se dá o processo de feitura da Divulgação das Ciências na instituição.

3.2 - Jornalismo e Assessorias de Imprensa

A Divisão de Divulgação Científica, como parte integrante da Diretoria de Comunicação da UFU¹⁷, funciona como uma assessoria de imprensa especializada na cobertura das produções científicas da universidade. Para avançar na compreensão do fazer jornalístico

¹⁷ A Dirco é responsável por fazer a assessoria de imprensa da UFU, bem como divulgar o que acontece na instituição para as comunidades interna e externa.

na Divisão de Divulgação Científica da UFU, faz-se necessário, antes, apresentar a compreensão teórica sobre a assessoria de imprensa.

A Federação Nacional dos Jornalistas define assessoria de imprensa como um “serviço prestado a instituições públicas e privadas, que se concentra no envio frequente de informações jornalísticas, dessas organizações, para os veículos de comunicação em geral” (FENAJ, 2007, p. 7). Nesse mesmo esforço de definição, as pesquisadoras Teresa Ruão, Felisbela Lopes e Sandra Marinho (2012), no artigo “O poder da assessoria de imprensa na saúde em Portugal: Organizações, protagonistas e técnicas entre 2008-2010”, citam Dozier *et al.* (1995) para dizer que se trata de:

uma área clássica e nuclear das relações públicas, podendo apresentar particularidades de acordo com o sector onde é exercida. Referimo-nos às atividades de relações com os media destinadas a promover a divulgação dos assuntos considerados estratégicos pelas organizações, através do desenvolvimento de contatos frequentes, o envio de comunicados ou a descoberta, dentro da organização, de assuntos passíveis de ser considerados “notícia” pelos jornalistas (Dozier *et al.*, 1995 *apud* RUÃO; LOPES; MARINHO, 2012, p. 276).

Desse modo, as atividades desenvolvidas dentro de uma assessoria de imprensa, inicialmente realizadas apenas por relações públicas e hoje assumidas, também, por jornalistas, podem ser entendidas como o gerenciamento dos fluxos de informações que são de interesse estratégico das instituições, bem como de interesse público ou de um público. Sobre isso, Vanessa Hrenechen e Arthur Soares (2016), na pesquisa “Análise da assessoria de imprensa como atividade jornalística”, ponderam que, ao trabalhar em uma instituição, é preciso que o assessor de imprensa encontre o equilíbrio e saiba articular os interesses públicos, fornecendo informações relevantes e que contribuam para o desenvolvimento da sociedade em concordância com os interesses privados, ou seja, o interesse da instituição e do assessorado para o qual ele presta serviços. Nesse mesmo estudo, os autores levantam o debate ético sobre o assessoramento por parte de jornalistas o qual, embora seja importante, não será foco de aprofundamento desta monografia, que se propõe a descrever de maneira geral o trabalho desenvolvido pelo setor na UFU.

Para Gaudêncio Torquato (2011), em “Tratado de comunicação organizacional e política”, pela interseção desses interesses as assessorias de imprensa foram ganhando visibilidade e relevância na comunicação organizacional não só das empresas como também das entidades, instituições e organismos governamentais que passaram a divulgar suas ações por meio das assessorias de imprensa. Assim sendo, segundo o pesquisador, essa se tornou uma área estratégica para as instituições realizarem a comunicação externa.

Quanto ao perfil dos profissionais que atuam na assessoria de imprensa, Lincoln Franco (2006), no artigo “Em busca de uma atuação estratégica nas assessorias de imprensa”, ressalta que o profissional deve elaborar estratégias de ação para despertar o interesse de jornalistas e do público para os materiais produzidos. Além disso, o assessor deve enfatizar os acontecimentos, não as pessoas envolvidas, evitando uma “visão personalista”, nas palavras do autor (FRANCO, 2006, s/p). Mas, Franco (2006) acentua que a atividade de assessorar pressupõe a cooperação de diferentes atores sociais e deve estar interligada às demais áreas da comunicação.

Em um recente estudo intitulado “Transformações na atividade de assessoria de imprensa no Brasil: um panorama atual da atividade a partir de pesquisa de campo exploratória”, o pesquisador da comunicação Jorge Duarte, junto com outros autores, apontou que, sob efeitos dos avanços tecnológicos, o *modus operandi* da assessoria está em evidentes mudanças. “O que antes era basicamente relacionamento com a imprensa, agora ganha um viés mais diverso e global, de modo que seja possível atuar de forma integrada dentro de um mercado cada vez mais multimídia”, (DUARTE, et. al. 2018, p. 4).

Nessa direção, o assessor e jornalista se tornam multitarefa, interrelacionando ou assumindo a escrita e edição dos textos, a produção de vídeo e de áudio, a criação gráfica e postagem nas redes sociais o que, por vezes, sobrepõe o papel dos jornalistas. Sobre a sobrecarga de trabalho, excesso de responsabilidades e a necessidade de se adaptar às multimídias, Sara Lopes (2018), no texto “Quem escreve e quem fotografa nos meios de comunicação: os desafios multitarefa para a geração multimídia”, avalia o sucateamento dos profissionais, que se arriscam a não terem reconhecimento econômico e profissional. Por consequência, o acúmulo das funções causa o esgotamento dos profissionais e pode até comprometer a qualidade do que é produzido pela superficialidade do processo produtivo. Para Helder Bastos *et al.* (2012), citado por Lopes (2018, p. 53), as rotinas produtivas que exigem dos profissionais multitarefas acabam por “empacotar as notícias”, sacrificam o rigor em detrimento da velocidade e, consequentemente, tratam os acontecimentos de forma superficial ao invés de criar conteúdos originais.

Outro destaque desse levantamento revela que as assessorias, para falar com o público, estão utilizando cada vez menos a mediação da imprensa e fazendo contato direto. Deste modo, atualmente, a assessoria de imprensa, além de representar uma importante ferramenta para pautar a mídia, identifica assuntos úteis ao público, jornalisticamente falando, e direciona a ele a comunicação direta.

Dito isso, compreende-se que nas assessorias de imprensa, em instituições públicas ou privadas, a preocupação que move os profissionais é, em última instância, conquistar e manter uma imagem positiva da instituição perante a opinião pública. Portanto, as assessorias realizadas pelas universidades - no caso da UFU pela Diretoria de Comunicação, bem como pela Divisão de Divulgação Científica - buscam construir e consolidar a imagem positiva da instituição.

3.3 Divulgação científica e o jornalismo científico como conceitos

Quando se trata de DC no Brasil, os conceitos do pesquisador Wilson Costa Bueno são muito referenciados. No trabalho “A divulgação da produção científica no Brasil: a visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras”, Bueno chama a atenção para o fato de que é muito comum a utilização das expressões DC e JC como sinônimas, mas que, na prática, elas assumem singularidades, no que diz respeito à “natureza do discurso, [a]o perfil da audiência e [a]os canais utilizados para sua manifestação” (BUENO, 2014, p. 5). Por não poderem ser tratadas como sinônimas, faz-se necessário apresentar, mesmo que brevemente, como elas se diferenciam conceitual, teórica e praticamente a partir das concepções de Bueno e de outros autores sobre DC e JC.

Bueno (1985, p. 1421), no trabalho chamado “Jornalismo científico: conceitos e funções”, estabelece as definições conceituais que estão presentes na maioria dos trabalhos de DC e JC. O quadro conceitual básico do autor parte do conceito abrangente de “difusão científica” tido como “todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas”. Esse amplo conceito engloba a “divulgação científica, a disseminação científica e o próprio jornalismo científico”. O processo de difusão, segundo Bueno, se estreita em razão da linguagem e do público alvo que se destina: “1) difusão para especialistas e 2) difusão para o público em geral. No primeiro caso, a difusão confunde-se com a disseminação da ciência e tecnologia; no segundo, refere-se, exatamente, à divulgação científica” (BUENO, 1985, p. 1421).

Em continuidade, Bueno descreve a “disseminação científica” como tendo um código restrito e um público de especialistas que se desdobra em dois caminhos: primeiro, a disseminação entrapares, que “diz respeito à circulação de informações científicas e tecnológicas entre especialistas de uma área ou de áreas conexas” e, segundo, a disseminação extrapares, que considera “à circulação de informações científicas e tecnológicas para especialistas que se situam fora da área-objeto da disseminação. Temos ainda neste caso, um

público especializado, embora não necessariamente naquele domínio específico” (BUENO, 1985, p. 1421).

Por sua vez, a “divulgação científica”, segundo Bueno, compreende “a utilização de recursos e técnicas e processo para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral” (BUENO, 1985, p. 1421). Assim, para as informações serem acessíveis a uma ampla audiência, a DC deve se valer da transposição da linguagem especializada para outra que não é especializada. O autor destaca que DC faz uso de:

um conjunto de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais), como os meios de comunicação de massa, produtos editoriais (livros, cartilhas, fascículos, publicações em geral), cinema, vídeos, espetáculos teatrais, bem como palestras sobre temas atuais e relevantes de ciência, tecnologia e inovação para o público leigo (BUENO, 2014, p. 6).

Posto isto, percebe-se que a DC pode ser produzida por quem quer que consiga transpor a linguagem, bem como domine os recursos acima mencionados. Bueno prevê que a DC pode acontecer em duas esferas: na esfera educacional, onde circulam livros didáticos, aulas e cursos de extensão para não especialistas; e na esfera jornalística, na qual os conhecimentos científicos são submetidos às rotinas produtivas das organizações noticiosas, tendo em vista as interações, ações e reações entre os diversos atores sociais do processo de feitura dos produtos jornalísticos (BUENO, 1985, p. 1422).

A partir deste desdobramento, Bueno parte para a definição do JC. Segundo o autor, o JC inicialmente é, em essência, jornalismo. Assim sendo, Bueno (1985) afirma que o JC deve ter as características do jornalismo como atualidade (fatos e acontecimentos referentes ao momento presente), universalidade (englobar diferentes áreas do conhecimento científico), periodicidade (manutenção de uma regularidade constante das publicações) e difusão (circulação pela coletividade). O pesquisador alerta para a redução do conceito de JC quando associado apenas à divulgação do progresso científico e tecnológico. Como uma especialidade do jornalismo, o JC pode se apresentar em um conjunto de gêneros jornalísticos, como informativo (notas, notícias, reportagens, entrevistas) e/ou em um caráter opinativo (editoriais, comentários, artigos, colunas, crônicas, cartoons e cartas).

O autor sugere funções básicas para o JC, as quais podem ser cumpridas, a saber: informativa, em prol da coletividade, permitindo que as pessoas se inteirem das descobertas científicas e suas implicações; educativa, disseminando conhecimentos, além de informar o JC pode formar; social, contribuindo na transformação social e formação da opinião pública; cultural, extrapolando os limites da mera transmissão e contribuindo para a preservação e valorização da cultura nacional; econômica, estabelecendo relações entre o desenvolvimento

da ciência e os setores produtivos; político-ideológica, promovendo a democratização dos conhecimentos, capazes de emancipar a sociedade (BUENO, 1985).

Deste modo, para além da necessidade de informar o público relativamente sobre as questões científicas, o JC, como a DC, também tenta contribuir para formar e desenvolver o senso crítico, bem como a compreensão e a valorização do público em relação aos conhecimentos científicos. Esses aspectos são importantes para compreender a realidade da produção do JC. Wilson Bueno (2007), no Portal do Jornalismo Científico, explica que o JC está dentro da DC, mas que, apesar disso, são distintos um do outro:

O Jornalismo Científico é um caso particular de Divulgação Científica: é uma forma de divulgação endereçada ao público leigo, mas que obedece ao padrão de produção jornalística. Mas nem toda a Divulgação Científica se confunde com Jornalismo Científico. Os fascículos são um exemplo, as palestras para popularizar a ciência são outro e os livros didáticos mais um ainda (BUENO, 2007, s/p).

Na literatura não se encontra um perfil objetivo de quem são os protagonistas que são responsáveis pela DC e pelo JC. O que se encontra está associado à própria noção de DC ou de JC. A exemplo disso, Thaiane Moreira de Oliveira (2019, p. 3), no artigo “Autoridade científica em tempos de crise epistêmica: a circulação de teorias da conspiração nas mídias sociais”, percorre por diferentes autores (SIGNATES, 2012; MARCINKOWSKI; KOHRING, 2014; WEINGART, GUENTHER, 2016; OLIVEIRA, 2018) para apontar que a DC já teve diferentes protagonistas.

No século XIX, a DC era feita por quem “traduzisse” ciências que eram muito especializadas para serem entendidas por um público interessado (SIGNATES, 2012 *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 5), ao passo que, na década de 1950, a DC “foi protagonizada por governos para atrair a atenção de investidores em determinados programas e incentivar a entrada de novos estudantes” (WEINGART, GUENTHER, 2016 *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 5). A autora revela que, com o passar do tempo, a responsabilidade sobre a divulgação das ciências foi repassada para universidades e instituições de pesquisa, e, atualmente, entende-se que a DC faz parte do trabalho do pesquisador (MARCINKOWSKI; KOHRING, 2014; OLIVEIRA, 2018 *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 5). Nas palavras da autora, assim os pesquisadores e pesquisadoras respondem a

um compromisso social, um dever democrático e uma estratégia de se sobressair perante a acirrada competição científica em um mercado de atenção online protagonizado nos sites de redes sociais e estimulado pela quantificação de suas performances através de mensurações altimétricas (OLIVEIRA, 2019, p. 5).

No que tangencia aos jornalistas de ciências, Lara Lima (2000, p. 25), na dissertação de Mestrado “Jornalismo de precisão e jornalismo científico: estudo de aplicabilidade”, explica que no caso do JC “os profissionais ou pesquisadores que se dedicam à análise da especialidade têm feito tentativas de sintetizar as características que garantem a especificidade desta área do jornalismo, [mas não do jornalista]”. Assim também se observa no caso de Michel Thiollent, citado por Lima, que entende JC como:

o conjunto das atividades jornalísticas que são dedicadas a assuntos científicos e tecnológicos e direcionadas para o grande público não especializado, por meio de diversas mídias: rádio, televisão, jornais especializados e outras publicações em nível de vulgarização (THIOLLENT, 1984, *apud* LIMA, 2000, p. 25).

Assim sendo, é o jornalista mergulhado na complexidade de comunicar a temática das ciências, portanto, um dos fatores determinantes para a definição deste especialista. De acordo com José Reis (1974) *apud* Lara Lima (2000), como extensão da função do jornalismo, o JC e, por isso, o jornalista de ciências, é responsável pela articulação necessária entre informação e educação pública. Porém, segundo ele, o jornalismo não deve se limitar a enaltecer apenas as grandes descobertas científicas com resultados extraordinários, mas deve se atentar também às contradições e às implicações de suas descobertas nos diversos campos da ciência (REIS, 1974 *apud* LIMA, 2000).

Nessa direção, Oliveira (2019) alerta que, nos campos científicos, existem disputas de poder para se tornar a voz de autoridade e para conquistar a legitimidade das informações científicas. Por extensão, o JC e a DC, por se debruçarem sobre as produções científicas, também sofrem pressões e se tornam espaços de disputa de interesses tanto dentro do meio científico quando por parte dos meios de comunicação. Segundo a autora, soma-se a esse cenário de disputa as dificuldades históricas de comunicar não só os feitos mas também as contradições científicas para o público em geral, que não tem mais aceitado o “regime de verdade” das ciências¹⁸, fazendo valer o regime da “crença individual” (OLIVEIRA, 2019, p. 3). Tanto é que, recentemente, têm-se assistido os ataques e os questionamentos aos discursos científicos, por exemplo: no *boom* das notícias falsas sobre ciências¹⁹; no fortalecimento de movimentos anticiência; no terraplanismo (grupo que acredita que a Terra é plana); no

¹⁸ Os regimes de verdades se baseiam na confiança nos discursos das instituições. Uma vez quebrada essa confiança, surgem os ataques aos regimes. Neste sentido, os discursos do campo científico têm sofrido ataques e têm sido alvo de questionamento.

¹⁹ De acordo com o texto de José Tadeu Arantes (2019, s/p) para a Agência FAPESP, intitulado “Fake news na ciência: a má informação, a desinformação e a informação falsificada assolam o mundo contemporâneo, dominado pelas mídias digitais, pelas redes sociais e pela circulação de notícias em escala global e em tempo real”. Ainda segundo o autor, essa “invasão do território da ciência pelas fake news” tem efeitos deletérios, pois podem dominar/controlar a sociedade pela “falsificação da verdade sob o rótulo de ciência”. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/fake-news-na-ciencia/30120/>>. Acesso em: 7 de nov. de 2019.

descrédito aos sérios e graves problemas ambientais e do clima que estamos passando; na saúde. com as mobilizações antivacina e na educação, com os ataques e cortes de verbas nas universidades e institutos federais do país. Isso é muito significativo, pois de acordo com o estudo “Pesquisa no Brasil - Um relatório para a CAPES”²⁰, realizado por Di Cross, Simon Thomson e Alexandra Sibclair (2018) para a empresa norte-americana Clarivate Analytics, entre 2011 e 2016, cerca de 99% das produções científicas brasileiras foram desenvolvidas nessas instituições públicas de ensino.

Sobre esses discursos e ataques, a pesquisadora Thaianie Moreira de Oliveira (2019) oferece subsídios que ajudam a compreendê-los. De acordo com ela, isso se deve às dificuldades de acesso aos bastidores das ciências e às embaraçosas traduções dos conhecimentos científicos para o público não especializado, de modo que se instalou uma crise no campo científico, a qual abre espaço para surgirem “fatos alternativos e teorias da conspiração que se proclamam como verdades, pleiteando, assim, o espaço de legitimidade e de autoridade. Desta maneira, Oliveira (2019) considera que, atualmente, vive-se uma “crise da verdade”, provocada pela compreensão de que os conhecimentos científicos são apenas uma das muitas representações da realidade, e uma “crise social” causada pelo entendimento de que as ciências não deram respostas à justiça social, à construção ética e à solidariedade. Segundo a pesquisadora, constantemente essas crises estão associadas à

desinformação e ao excesso informacional (STEENSEN, 2019) e a uma agenda conservadora religiosa de direita (BENCKLER, et al, 2018), esta crise epistêmica é o reflexo da passagem de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para um outro regime regulado pela crença individual e pela experiência pessoal (VAN ZOONEN, 2012), dando voz a movimentos conspiratórios em que a informação é um campo de disputa sobre a produção de narrativa (OLIVEIRA, 2019, p. 3).

Com essas colocações, entende-se que os jornalistas de ciências lidam com essas forças e disputas de poder por lidarem com os conhecimentos científicos, atuando na articulação entre informação e público, sendo necessário responder às demandas e crises na sociedade. Desse modo, cabe aos divulgadores, cientistas e jornalistas de ciências a função de diminuir o hiato entre o público e os conhecimentos científicos.

Não se deve esquecer do aspecto político como pano de fundo desta crise do campo científico. Ainda, que, apesar desses conhecimentos científicos na contemporaneidade terem

²⁰ Título original: “Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics”. A pesquisa completa está disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>> Acesso em: 7 de nov. de 2019.

sido assumidos como estrategicamente importantes para o desenvolvimento da sociedade, assiste-se o atual governo brasileiro, na figura de Jair Bolsonaro, do partido PSL²¹, insistir em atacar e deslegitimar pesquisadores e pesquisadoras, centros de pesquisas e universidades. Ressalta-se que os campos da Comunicação e do Jornalismo não estão isolados desse contexto. Pelo contrário, a relevância dos conhecimentos científicos, uma vez expressa, negada ou atacada, serve de assunto de divulgação e pauta para o jornalismo, que se oferece como duas abordagens específicas e distintas para apresentar, informar, discutir, educar, problematizar tais conhecimentos, em maior ou menor grau.

Nesse contexto político, a Divisão de Divulgação Científica da Diretoria de Comunicação da UFU (Dirco), por representar uma instituição pública de ensino, é diretamente afetada. E, mais do que nunca, os jornalistas e estagiários do setor, bem como os cientistas da universidade (fontes de informação), precisam manter a proximidade para a divulgação das pesquisas científicas com o intuito de mostrar à sociedade a importância e os impactos que esses conhecimentos produzem no cotidiano. É justamente sobre essas interações que esta pesquisa lança um olhar etnográfico, buscando compreender como se dá o processo produtivo.

Para entender esta produção, faz-se necessário perceber o papel das fontes de informações na relação com os jornalistas. Além disso, é preciso levantar tanto os interesses específicos que cada agente social carrega quanto a necessidade que há de negociação desses interesses, para que a produção dos conteúdos jornalísticos seja realizada. Estes desdobramentos vão ser descritos no próximo capítulo.

²¹ A eleição presidencial de 2018 foi marcada pelo acirramento político. O país se dividiu com a polarização partidária entre o Partido dos Trabalhadores (PT), com Fernando Haddad e o Partido Social Liberal (PSL), com Jair Bolsonaro (PSL) no segundo turno. Nesse cenário de divisão do eleitorado, o ex-capitão do Exército, Bolsonaro, foi eleito inflamando e incentivando discursos homofóbicos, misóginos, racistas, e pregando a diminuição dos direitos trabalhistas e o amplo acesso a armas pela população em geral.

4 - AS FONTES NO CAMPO JORNALÍSTICO E OS CIENTISTAS

Apresenta-se, neste capítulo, as definições de fontes no jornalismo, bem como a discussão da forma como as fontes de informações e jornalistas convivem num processo de negociação dos interesses específicos. Esses aspectos, como partes integrantes do processo jornalístico, serão relevantes para entender como se dão as interações entre cientistas (fontes) e jornalistas de ciências, foco de análise deste estudo. Para tanto, me ancoro na obra “Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo” do pesquisador Aldo Antonio Schimitz (2011); utilizo o artigo “Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo”, escrito por Manuel Pinto (2000); exploro o texto “Fontes mais capazes vs Jornalistas menos perspicazes?”, da autora Cláudia Lomba (2009). Além disso, uso as obras de Rogério Santos (1997; 2006), nomeadamente “A negociação entre jornalistas e fontes” e “A fonte não quis revelar”, de Jane Marcia Mazzarino (2007) e o artigo “O agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental”.

Sob a concepção do IS, os conteúdos jornalísticos são resultado do processo de interação entre fontes e jornalistas. Buscando definir quem são as fontes de notícias, o pesquisador Aldo Antonio Schimitz (2011), na obra “Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo”, reúne uma taxonomia de classificação. Dentre as definições presente no trabalho do autor, destaca-se a de Hebert Gans em 1980, a qual considera que as fontes de notícias são aquelas que os jornalistas “observam ou entrevistam e que oferecem informações ou sugestão de pauta, por fazerem parte ou serem representantes de um ou mais grupos enquanto membros ou representantes de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de setores da sociedade” (GANS, 1980 *apud* SCHMITZ, 2011, p. 9).

Imerso na leitura de Gans (1980), Schimitz (2011, p. 9) vai além e lança uma definição atual e detalhada:

As fontes de notícia são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Como se percebe, a definição de Schimitz (2011) está longe de excluir a de Gans (1980). Nesta direção, outro estudioso que se dedica aos estudos das fontes noticiosas, Manuel Pinto (2000, p. 279), no artigo “Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo”, deixa sua contribuição para a classificação dos diferentes tipos de fontes a partir dos seguintes critérios:

1. segundo a natureza: fontes pessoais ou documentais; 2. segundo a origem: fontes públicas (oficiais) ou privadas; 3. segundo a duração: fontes episódicas ou permanentes; 4. segundo o âmbito geográfico: fontes locais, nacionais ou internacionais; 5. segundo o grau de envolvimento nos fatos: oculares/primárias ou indiretas/secundárias; 6. segundo a atitude face ao jornalista: fontes ativas (espontâneas, ávidas) ou passivas (abertas, resistentes); 7. segundo a identificação: fontes assumidas/explicitadas ou anônimas/confidenciais; 8. segundo a metodologia ou a estratégia de atuação: fontes proativas ou reativas, preventivas ou defensivas.

A partir desses critérios que elucidam quem são as fontes de notícia, Pinto (2000) propõe um mapeamento, tendo em vista os interesses das fontes e dos jornalistas. Segundo o pesquisador, as fontes podem estar interessadas na atenção e visibilidade que os meios de comunicação podem proporcionar a elas. Além disso, existem aquelas que buscam marcar e definir na agenda pública os temas que estarão em foco pelos meios de comunicação. Há, ainda, as fontes que oferecem serviços e produtos ou pretendem neutralizar os interesses de adversários ou concorrentes. Além do mais, existem aquelas que estão interessadas na criação de boa impressão e de uma imagem positiva. No tocante a este estudo, ao buscar compreender como se dá a interação entre os jornalistas científicos e os cientistas na Divisão de Divulgação Científica da UFU, será possível identificar os interesses envolvidos nas relações.

Compreendendo os interesses envolvidos na relação entre jornalistas e fontes, Cláudia Lomba (2009), em “Fontes mais capazes vs Jornalistas menos perspicazes?”, reforça a necessidade de confrontar fontes e apurar as informações vindas de qualquer tipo de fonte. A autora, citando a *expert* em comunicação Mar de Fontcuberta (2002), revela que essas informações podem chegar aos jornalistas de duas maneiras: “o meio de informação procura-a através dos seus contatos ou recebe-a por iniciativa dos interessados” (FONTCUBERTA, 2002 *apud* LOMBA, 2009, p. 19).

No primeiro caso, as fontes são pautadas e, no segundo, elas pautam o jornalismo. Sobre isso, Maxwell McCombs (2009), citado por Schimitz (2011), ao estudar a teoria do agendamento²² reconheceu que, assim como as assessorias de imprensa e a política, as fontes de notícia também definem e agendam a mídia, uma vez que as fontes preparam informações no estilo das notícias jornalísticas.

²² O conceito do agendamento foi exposto pela primeira vez por McCombs e Shaw, em 1972, ao examinarem como a mídia contribui para formação e mudança de cognições, definindo para isso uma agenda da mídia e uma agenda pública. Os pesquisadores sugeriram a teoria do agendamento, que considera que as mídias dizem o que o público deve pensar; e por meio do enquadramento das mídias também indicam como pensar (MAZZARINO, 2007). Evidencia, portanto, um efeito a longo prazo dos meios de comunicação, bem como a capacidade que a mídia tem em pautas das conversas cotidianas.

Para Schimitz (2011), dada a importância dessa relação, haverá fontes que vão se preocupar em estabelecer um vínculo com os jornalistas, interessadas em garantir o agendamento dos meios e a comunicação com os seus públicos de interesse. Essa análise leva o autor a considerar que “na maioria das vezes [...] a imprensa [...] [é] pautada, em vez de pautar, provocando o ‘encastelamento’ dos profissionais nas redações, que preferem a comodidade da informação pronta e ouvir as mesmas pessoas e organizações” (SCHIMITZ, 2011, p. 10).

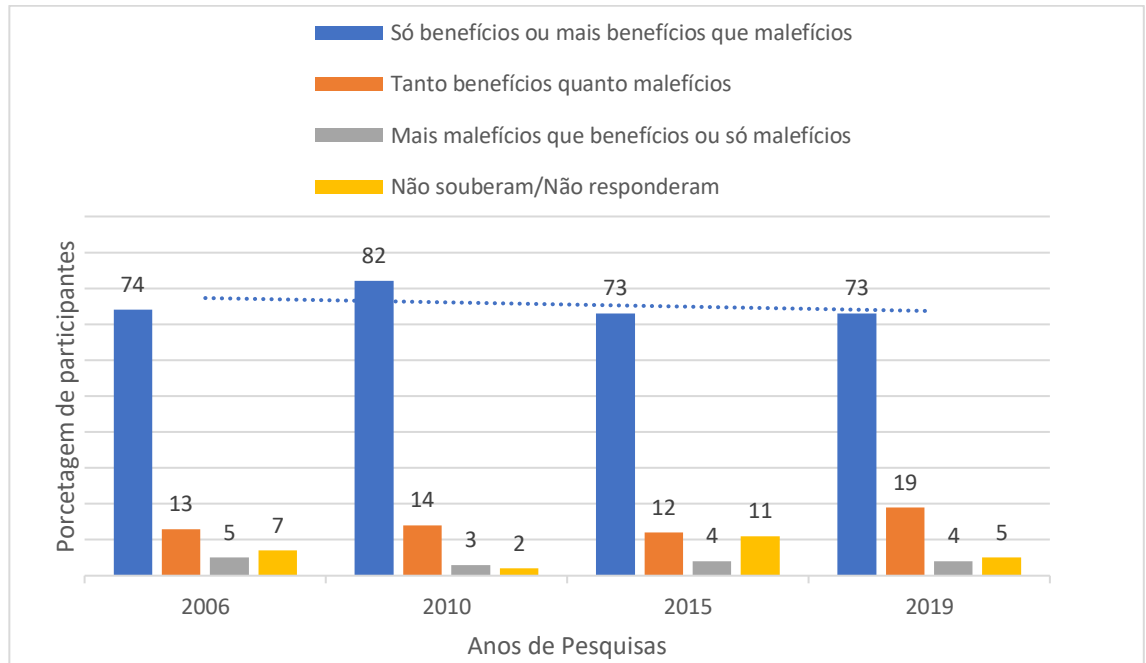
Se por um lado as fontes são interessadas, por outro, de acordo com Pinto (2000), o fazer jornalístico também o é. Exemplo disso é a procura por obter informações inéditas ou furos de notícia e confirmar ou contradizer informações obtidas com outras fontes. Há, ainda, os que desejam lançar ideias, mediar debates, oferecer avaliações e indicações de fontes oficiais ao público. O autor destaca, também, os jornalistas que desejam atribuir credibilidade e legitimidade às informações que eles apuram por meio das fontes de informação. Nesse último caso, Schimitz (2011) destaca que os jornalistas, por conta de suas rotinas produtivas, priorizam as fontes que transmitem credibilidade, confiança, autonomia, segurança e que garantam o que declaram, bem como aquelas que são mais articuladas. Para além de facilitar na rotina, as fontes que carregam esses aspectos são caras para o JC, uma vez que esses critérios certamente contribuirão na percepção do público sobre os conhecimentos científicos divulgados, nesse caso, pelos jornalistas.

Acerca disso, em 2019 o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) chegaram à quinta edição da pesquisa “Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil”²³, que objetiva conhecer a visão e o grau de informação da população em relação à Ciência e à Tecnologia no país. De acordo com o estudo, houve a prevalência da visão otimista da sociedade sobre a ciência e a tecnologia com 73% dos entrevistados que consideram que a C&T trazem só benefícios ou mais benefícios que malefícios para a sociedade. Lançando um olhar para os outros anos da pesquisa, o relatório de 2019 aponta que esse percentual se manteve igual à pesquisa realizada em 2015. Porém, em relação a 2010, houve uma queda de 9%. Segundo o relatório, apesar disso, em todos os anos pesquisados (2006, 2010, 2015 e 2019), a fração de entrevistados que declaram que C&T trazem “mais malefícios que benefícios” ou “só malefícios” para humanidade é sempre

²³ De acordo com o relatório executivo para a pesquisa, foi aplicado um questionário com 44 perguntas gerais, com desdobramentos em questões específicas, respeitando a amostra probabilística por conglomerado regionalizada. Ainda segundo o relatório, “participaram da pesquisa 2.200 pessoas com idade superior a 16 anos, com cotas por gênero, idade, escolaridade, renda e local de moradia em todas as regiões do país”, com margem de erro de 2,2% (CGEE, 2019, p. 9).

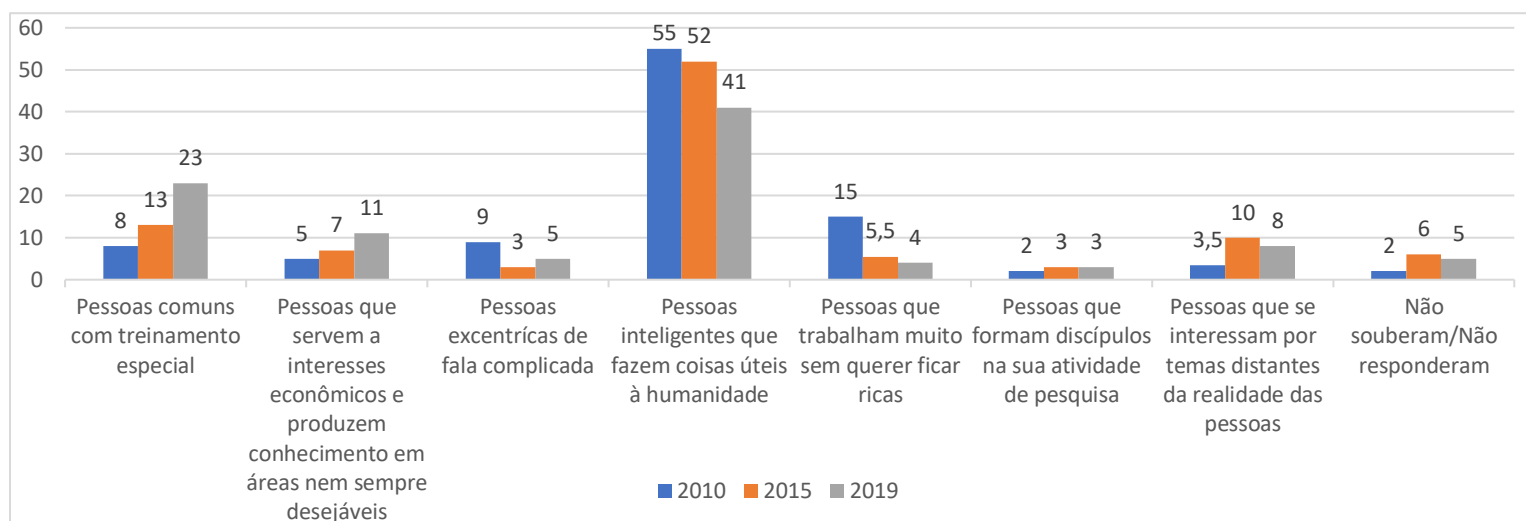
mínimo, enquanto que os otimistas (mais benefícios do que malefícios) representaram sempre a grande maioria dos entrevistados (veja a figura 1).

Figura 1: Opinião dos entrevistados sobre os benefícios e malefícios da ciência e tecnologia.



Fonte: Pesquisa CGEE (2019).

Outro dado interessante que a pesquisa traz diz respeito ao perfil dos cientistas. O levantamento indicou que a maioria dos respondentes (41%) veem os cientistas como “pessoas inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade”. Apesar de o número ter tido uma ligeira queda em relação à edição de 2015, de 11%, outra característica na amostra deste ano representou um aumento considerável: 23% dos respondentes associaram a imagem dos cientistas a “pessoas comuns com treinamento especial”, 10% a mais do que em 2015. Confira a figura 2.

Figura 2: Opinião dos entrevistados sobre a imagem dos cientistas.

Fonte: Pesquisa CGEE (2019).

Essa significação da imagem do/da cientista perpassa pela leitura de mundo que os respondentes possuem, mas, ao mesmo tempo, carrega marcas da forma como os cientistas se mostram à sociedade. A maioria dos entrevistados da pesquisa CGEE (2019), quando perguntados sobre “quais são as fontes que mais confiam e as que menos confiam”, dizem confiar em médicos (49%), jornalistas (38%) e cientistas de universidades/institutos públicos de pesquisa e/ou de empresas (34%); e a maioria diz não confiar em políticos (84%), artistas (24%) e militares (22%).

Para verificar de forma agregada as percepções positivas e negativas sobre as diferentes fontes de informações pelo público, a pesquisa traçou o índice de confiança²⁴ que varia de 1 (plena confiança) a -1 (nenhuma confiança). Segundo esse cálculo,

os cientistas de universidades ou de institutos públicos de pesquisa estão entre os que apresentam maior IC (0,84), a despeito de não aparecerem entre os mais citados como a primeira fonte de maior confiança. Os médicos aparecem em primeiro, com elevada credibilidade (0,85). Cientistas de empresas aparecem com IC 0,46 e jornalistas inspiram um médio nível de confiança entre os respondentes (0,36). Já as fontes que apresentam um valor negativo para o índice de confiança, indicando baixa ou nenhuma confiança, são os políticos (-0,96), artistas (-0,84) e militares (-0,30) (CGEE, 2019, p. 15).

²⁴ De acordo com o Relatório da Pesquisa “Percepção Pública da C&T no Brasil”, este índice de confiança “corresponde ao seguinte cálculo: faz-se a diferença entre as porcentagens de aprovação (mais confiança) e de reprovação (menos confiança), que são obtidas nas duas questões e, em seguida, divide-se esse resultado parcial pela soma desses dois valores. Isso fornece um índice que varia entre -1 (nenhuma confiança) e +1 (confiança absoluta)” (CGEE, 2019, p. 15).

Diante desses dados e pensando na relação do jornalista de ciências com os cientistas, percebe-se a potência do uso dos cientistas como fontes para jornalismo, bem como da relevância para a DC da UFU, dado o nível de confiança apontado pela pesquisa para os cientistas de universidades públicas.

Outro aspecto que pode contribuir para que um jornalista escolha uma fonte ou não é a antecipação e agilidade dela. Isso implicará no acesso rápido às informações, tornando o processo de feitura mais produtivo. Tendo isso em vista, Herbert Gans (1979) citado por Jane Marcia Mazzarino (2007, p. 57), no artigo chamado “O agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental”, aponta que “as fontes que fornecem materiais credíveis têm boas probabilidades de se transformar em fontes regulares”.

Sobre a garantia deste *status* de credibilidade e a qualificação das notícias, Consuelo Chaves Joncew (2005), citada por Aldo Schimitz (2011), defende a relevância das fontes. Isso porque, segundo a autora, esses são atores sociais ativos no “enquadramento da realidade retratada na imprensa”, o que fica mais evidente no caso das fontes oficiais, organizacionais e especializadas que avaliam a qualidade da informação na medida em que ela atende os seus interesses (JONCEW, 2005 *apud* SCHIMITZ, 2011, p. 21).

Nelson Traquina (2001), na obra “O estudo do jornalismo no Século XX”, compreende o enquadramento como parte inseparável do processo produtivo das notícias. Segundo o estudioso, o enquadramento é resultado das escolhas narrativas para contar sobre um acontecimento, - o que inclui as fontes ouvidas - orientadas pelo que se mostra para o jornalista como aparente realidade. Assim sendo, para o autor, os acontecimentos determinam o ponto de partida para a construção dos diferentes tipos de enquadramentos que são oferecidos pelos meios de comunicação (TRAQUINA, 2001).

O estudo “Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova ‘onda’ no jornalismo científico no Brasil?”, desenvolvido por Luisa Massarani, Martin Bauer e Luís Amorim (2013), com a participação de 71 jornalistas, revelou a percepção que os profissionais têm sobre o seu papel. A maioria (43,7%) afirmou que a principal função do jornalista de ciência é informar, enquanto 31% indicaram que o seu papel é traduzir materiais complexos para uma linguagem mais popular (MASSARANI; BAUER; AMORIM, 2013). Tendo em vista o resultado desta pesquisa, compreende-se que os produtos do JC se oferecem como ferramentas informativas e interpretativas para a sociedade; por consequência, o enquadramento que fazem da realidade levará em consideração o repertório cultural do público a que se destina a notícia para que, assim, elas possam interpretar o que é indicativo a pensar (TRAQUINA, 2001).

Nesta direção, e levando em consideração as colocações de Wilson Costa Bueno (2011) sobre o jornalismo de ciências, apresentado na obra “As fontes comprometidas no Jornalismo científico”, entende-se que os cientistas como fontes respaldam e são a base para a cobertura dos acontecimentos científicos, tecnológicos e de inovação, bem como norteiam os possíveis enquadramento e representação da realidade frente aos conhecimentos científicos. Mas Bueno (2011) faz uma crítica e um alerta para o fato de que os jornalistas científicos muitas vezes se tornam reféns das fontes. Nas palavras do pesquisador, a

formação pouco qualificada torna o jornalista, especialmente o recém-formado ou aquele que não tem contato regular com a “cultura” da área e não domina temas específicos, ainda que haja algum tempo no mercado, refém das fontes. O desconhecimento do assunto abrangido pela pauta em CT&I impede que o jornalista malformado ou pouco crítico possa dialogar com as fontes e, invariavelmente, o coloca numa posição de desvantagem, de que redunde quase sempre a transcrição acrítica da fala dos entrevistados (BUENO, 2011, p. 58).

Com essa reflexão de Bueno, de um JC declaratório acrítico, é possível associar os campos científicos à realidade concreta, ou seja, eles não são isentos de intencionalidades ou de interesses desde os pessoais, mercadológicos, políticos, até os ideológicos e sociais. Na perspectiva do IS, segundo Mazzarino (2007), é dessa relação entre o campo social do jornalista e o campo social da fonte que se dá o preparo da notícia, constituindo, assim, uma interação entre atores sociais dependentes entre si, desempenhando papéis que se ajustam um ao outro, mesmo tendo objetivos distintos (MAZZARINO, 2007).

Citando Bourdieu (1989) e Esteves (2003), a pesquisadora Mazzarino (2007) ressalta que a “interação entre os campos sociais é marcada por conflitos e negociações que se dão no âmbito comunicacional” (BOURDIEU, 1989; ESTEVES, 2003 *apud* MAZZARINO, 2007, p. 54). Deste modo, no caso do JC, as negociações se dão entre as fontes (cientistas) e os jornalistas passam pela compreensão que eles têm uns dos outros, numa espécie de “jogo de sedução”²⁵ no processo de produção dos conteúdos jornalísticos por ambas as partes.

Por um lado, as fontes (científicas) tentam conquistar os jornalistas utilizando-se, para isso, do uso da retórica e da persuasão, buscando controlar ou persuadir os jornalistas sobre a relevância dos temas que apresentam para serem inseridos na agenda da mídia noticiosa (SANTOS, 1997 *apud* MAZZARINO, 2007, p. 58). Por outro lado, os jornalistas tentam conservar as fontes, utilizando, para isso, os critérios da “autoridade, a produtividade e a

²⁵ O termo faz menção ao estudo de mestrado de Faia Dejavitte (1996), que se debruçou sobre o jogo de sedução das fontes que alimentam, sediam e seduzem os meios de comunicação.

credibilidade” (GANS, 1979 *apud* MAZZARINO, 2007, p. 57). Segundo Mazzarino (2007), a fonte é considerada de autoridade quando ocupa posições institucionais de chefia e responsabilidade; é produtiva se fornecer materiais suficientes para o jornalista fazer o seu trabalho e é uma fonte credível se imprimir credibilidade no que disser.

Assim, percebe-se que, entre jornalistas e fontes (cientistas), precisa existir um clima de respeito e empatia para que aconteça a negociação dos interesses. Desse modo, corrobora-se com o que aponta Rogério Santos (1997), na obra “A negociação entre jornalistas e fontes”: o processo de feitura das notícias depende das fontes noticiosas, e essas, por sua vez, dependem da forma como o jornalista procura as fontes das notícias. Sem perder de vista os interesses específicos dos agentes, eles negociam entre si (SANTOS, 1997).

Sobre a negociação, Santos (2006), no trabalho “A fonte não quis revelar”, argumenta que a produção jornalística é marcada pelo caráter negocial no processo de atribuição de significado aos acontecimentos. Isso porque existem conflitos permanentes que precisam ser negociados entre um mesmo grupo de fontes, entre fontes diferentes, entre editores e jornalistas e entre esses e as fontes. Desse modo, estabelece-se um lugar de cooperação, interação e diálogo, mesmo se tratando de relações conflituosas, com projeção de valores e poderes. Na concepção de Santos (2006), trata-se de um jogo em que jornalistas e fontes assumem papéis e adotam estratégias de jogo para manter o poder e o controle e lidar com os conflitos.

Alguns estudos apontam que essa relação não é tranquila (CALDAS; 2010; COLOMBO; LEVY, 2011). De acordo com Graça Caldas (2010, p. 35), em “Divulgação científica e relações de poder”, existem os seguintes motivos geradores de conflito entre jornalistas e cientistas: “saberes distintos; culturas profissionais diferentes; tempo de produção e de reflexão” não coincidentes. Segundo Macri Colombo e Denize Levy (2011), no artigo “Jornalismo científico: divulgação ou disseminação, e sua relação com os cientistas”, o conflito é uma via de mão dupla. De um lado, os cientistas reclamam do despreparo e falta do conhecimento básico sobre o assunto abordado, bem como a falta de atenção; e, do outro, os jornalistas se queixam dos cientistas alegando que eles são inflexíveis e, por vezes, resistem em passar informações. Além disso, os jornalistas reclamam porque os cientistas conversam com termos técnicos próprios da área, o que dificulta o entendimento sobre o tema pautado e provoca “interpretações e simplificações errôneas” (COLOMBO; LEVY, 2011, p. 10).

Sobre o assunto, Caldas (2011, p 36) alerta que, para se estabelecer um diálogo rico, é preciso que o “cientista seja o mais claro possível” e disponibilize um tempo para atender ao jornalista, e que esse, por outro lado, comprometa a fazer o “dever de casa”, buscando por informações anteriormente ao momento da entrevista. Ainda segundo a pesquisadora, tanto o

cientista quanto o jornalista desconhecem os *modos operandi* um do outro (CALDAS, 2011). A autora destaca que, em função disso, às vezes os cientistas chegam a idealizar “o conhecimento, a precisão, o tamanho do texto e até o destaque no veículo”, sem levar em conta as lógicas da produção jornalística, a subjetividade do jornalista, a interferência da edição, a lógica midiática que atribuiu valores à notícia que vão determinar a hierarquização e dimensão de espaço destinado à matéria de DC.

As diferenças existem, mas, de acordo com Caldas (2011), é preciso que os cientistas e os jornalistas entendam que precisam ser parceiros na produção da informação, objetivando popularizar o conhecimento científico. Nas palavras de Graça Caldas (2003, p. 228), tiradas da obra “Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria”:

O trabalho em regime de parceria entre jornalistas e cientistas é viável e inadiável. Só depende do respeito mútuo, da visão de mundo desses profissionais, da observação e compreensão do outro. Está diretamente vinculado ao domínio das relações simbólicas, do entendimento da ciência e do jornalismo como atividade humana e, portanto, histórica. Rigor profissional, reconhecimento dos limites naturais de cada área, a busca permanente pelo aperfeiçoamento, postura ética e responsabilidade social são fatores decisivos para o uso competente da ciência e da mídia como agentes de libertação e transformação social.

Indo ao encontro da noção de parceria, apontada por Caldas (2003), a pesquisadora Sílvia Silva (2008), no estudo “Fontes de Informação nas notícias: a queda da ponte em Entre-os-Rios nos jornais Público e Jornal de Notícias”, considera que é preciso pensar que há um *modus operandi* de interação jornalistas-fontes e que nele existem “regras definidoras” que determinam como os atores sociais devem jogar e “regras estratégicas” que fornecem a eles maneiras de melhorar ou piorar o desempenho neste processo de tratamento das informações (SILVA, 2008, p. 40).

Não é objetivo deste trabalho esgotar a discussão acerca das fontes de informação e a relação com os jornalistas. Porém, feito esse breve regaste sobre quem são e o papel das fontes de informação, percebe-se que as notícias são resultado de um jogo complexo de interação, negociação e diálogo entre fontes e jornalistas. E, segundo Mazzarino (2007), pesquisas que buscam a compreensão de como acontece esse jogo entre fontes e jornalistas, e, além disso, como a rede de fonte de um meio de comunicação está organizada, são úteis na percepção de quais são os parâmetros que norteiam a feitura dos produtos comunicativos, um dos objetivos perseguidos nesta pesquisa. Esse fato reveste esta pesquisa de relevância, podendo, portanto, extrapolar os objetivos previamente estabelecidos.

Destaca-se, ainda, a importância de observar o que acontece e como acontece o processo de feitura dos produtos de JC e de DC na Divisão de Divulgação Científica da UFU por meio da perspectiva do IS, pois permitirá traçar considerações importantes para a compressão da realidade prática sobre o *modus operandi* de interação por trás das produções, bem como ajudará a perceber o “jogo de cintura”, os acordos e as negociações frente aos conflitos e interesses tanto dos jornalistas quanto dos cientistas.

Isso posto, o próximo capítulo se dedica ao relato e à análise das observações realizadas em campo entre os meses de agosto e novembro de 2019 na redação da Divisão de Divulgação Científica da UFU nos momentos de reunião de pauta, acompanhando as entrevistas marcadas entre jornalistas do setor e cientistas da UFU, na apuração, fechamento e divulgação dos textos. Além disso, apontará as observações feitas nas participações junto ao grupo de estudos em “Comunicação Pública da Ciência”, que é promovido pelo setor, - inclusive os membros da equipe fazem parte,- assim como a participação em uma reunião da Diretoria de Comunicação da UFU e do Curso de Extensão realizado pela Divisão de Divulgação Científica em parceria com a Diretoria de Extensão da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFU.

5 - DIVISÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA UFU E OS RITUAIS DE INTERAÇÃO ENTRE JORNALISTAS DE CIÊNCIAS E OS CIENTISTAS

Uma vez realizado o percurso teórico-metodológico, indo do Intracionismo Simbólico à etnografia, passando pelo jornalismo e chegando na relação do jornalistas com as fontes, marca-se o fim da primeira fase da pesquisa de campo com viés etnográfico, descrita por Uriarte (2012, s/p) como a fase do “mergulho na teoria, informações e interpretações”. Para adentrar neste capítulo de análise, foi necessário antes passar pela segunda fase da pesquisa etnográfica, fase conhecida como “Trabalho de campo” (URIARTE, 2012, s/p). Nela, observou-se a rotina de trabalho da Divisão de Divulgação Científica da UFU, sistematicamente mediante os eventos na redação entre 22 de agosto e oito (8) de novembro de 2019, período selecionado por estar contido no período letivo em que se desenvolveu a pesquisa.

Assim sendo, este último capítulo representa a terceira fase do estudo, que, nas palavras do autor, “consiste na escrita, que se faz de volta para a casa” (URIARTE, 2012, s/p). O olhar etnográfico, segundo Samuel Mateus (2015, p. 84) em “A etnografia da Comunicação”, fornece “um modelo de análise perfeitamente adaptado à pesquisa empírica das interações cotidianas” (MATEUS, 2015, p. 84).

Neste retorno, olhando para todo o período de observação e o que foi observado, são realizados um relato e uma análise, buscando compreender como se dá a interação entre jornalistas e cientistas na rotina do setor e buscando, também, conhecer a rotina de produção jornalística sobre ciências, perceber quais são os tipos de relações e interações que acontecem no cotidiano do setor e apontar como as relações e interações interferem nos processos produtivos sobre ciências na Divisão.

Segundo o pesquisador Carlos Nogueira Fino (2008, p. 5), na obra “A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais”, para recolher as informações sobre as interações existem três formas: “entrevistas, observação e documentos”. Ainda de acordo com o autor, por meio dessas formas de coleta, obtêm-se três tipos de dados: “citações, descrições e excertos de documentos, que resultam num único produto: a descrição narrativa, a qual inclui gráficos, diagramas e artefatos que ajudam a contar a história” (FINO, 2008, p. 6).

Nas descrições das observações desta pesquisa, foi utilizado um “caderno de campo” para registrar as observações; além disso, as reuniões de pauta e os momentos de entrevista com os cientistas foram gravados em áudio. Durante a estada no campo, alguns dos dados também foram obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas. Elas foram feitas à equipe nos

seguintes momentos: durante as reuniões de pauta, para entender como a pauta chegou ao setor e aos jornalistas a caminho das entrevistas com os cientistas ou no retorno delas, para compreender como aconteciam as negociações dos interesses dos jornalistas e cientistas e para elucidar as questões das interações. Além disso, utilizaram-se as informações coletadas por Daniela Malagoli (2019) em sua dissertação de Mestrado, “Da divulgação científica à comunicação pública da ciência: trajetória da Universidade Federal De Uberlândia e propostas para a instituição”, como fonte documental sobre o setor.

Para facilitar as descrições das impressões e a análise das observações durante os processos de produção jornalística da Divisão de Divulgação Científica da UFU, este capítulo foi dividido em seções de acordo com os espaços que foram acompanhados. Inicialmente, a observação se daria apenas no ambiente de entrevistas, normalmente fora da redação e no ambiente da redação, no qual acontecem as reuniões da pauta, muitas vezes a seleção das fontes, o trabalho de apuração, redação, edição e de onde são feitas as publicações das reportagens. Mas, com o desenvolver do trabalho de campo, sentiu-se a necessidade de também acompanhar os outros espaços em que a equipe do setor se insere, nomeadamente a Reunião Geral da Comunicação da UFU ²⁶ assim como o Grupo de Estudos em Comunicação Pública da Ciência e o Curso de Extensão “Divulgação Científica”, os dois últimos promovidos pelo Setor em diferentes espaços da instituição.

5.1. – Redação da Divisão de Divulgação Científica UFU

A Redação da Divisão de Divulgação Científica da Diretoria de Comunicação da UFU (Dirco) fica situada no primeiro piso do bloco da Reitoria (3P) instalada no *Campus* Santa Mônica da UFU, próximo da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp) e da Pró-reitoria de Extensão (Proex). Durante o trabalho de campo, percebeu-se que a localização é estratégica para o setor que pretende fazer DC, uma vez que a reitoria é considerada muito importante para a gestão da universidade. A facilidade que os jornalistas têm de acessar as pró-reitorias permite o contato direto com pró-reitores, coordenadores, pesquisadores/pesquisadoras e cientistas da UFU. Da mesma forma, todos esses agentes sociais podem facilmente bater na porta da Divisão (ver figura 3).

²⁶ Este encontro não acontecia há algum tempo, mas foi reestabelecido durante o período de pesquisa.

Figura 3: Sala da Divisão de Divulgação Científica da UFU. De cima para baixo, da coluna da esq. para a dir.: fachada da entrada; recepção; vista das três divisões da sala; quadros de avisos da segunda divisão da sala.

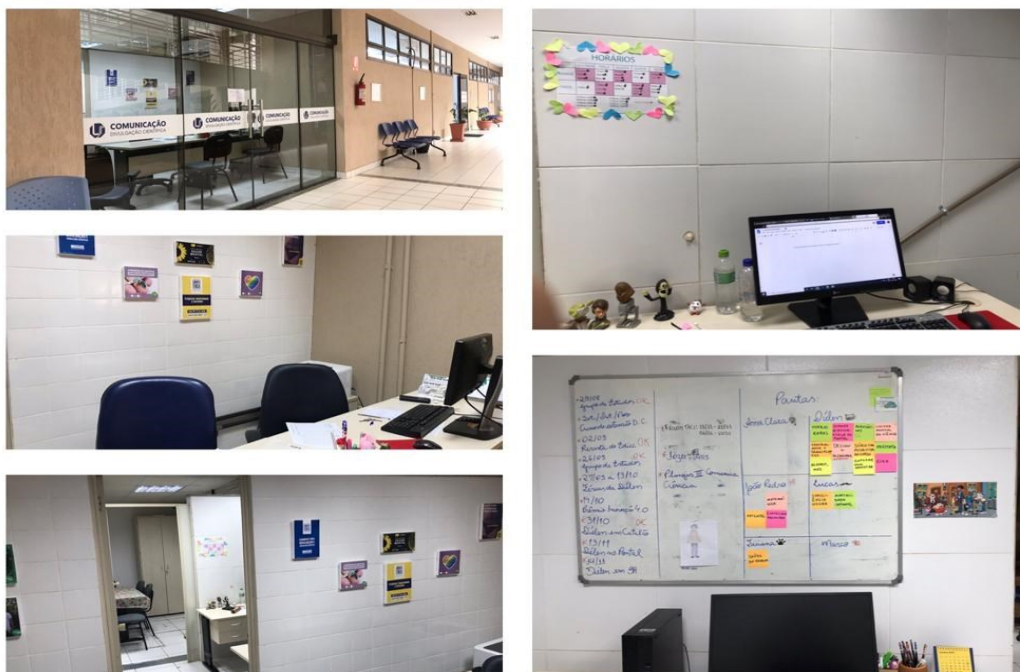


Foto: Thiago “Zina” Crepaldi

Como se vê na figura anterior, o espaço físico que sedia o setor possui apenas uma sala pequena. A pesquisadora Malagoli (2019) ressaltou a importância da existência da sala para o setor, ainda que pequena. Para ela, “trata-se de um ponto altamente positivo e que pode até mesmo ser visto como um amadurecimento da instituição no que se refere à Comunicação Pública” (MALAGOLI, 2019, p. 14). Ter o espaço dedicado para o trabalho de JC, que visa a DC e que na medida do possível se esforça para fazer a Comunicação Pública da Ciência (CPC), é fundamental para o amadurecimento desta prática jornalística. Isso fica mais evidente com essa pesquisa, pois percebeu-se que as características do processo de feitura (tempo e espaço) da DC na Divisão de Divulgação Científica da UFU diferem das produções das notícias sobre vários assuntos produzidas pela Dirco da UFU. Essas diferenças serão tratadas nas próximas páginas.

Ao entrar na sala, há duas mesas compridas lado a lado, nas quais uma servidora e um estagiário de Jornalismo ou de Design ficam diariamente. Por ser a maior mesa da Divisão, é também nela que ocorrem as reuniões de pauta. Separada por uma divisória há uma segunda salinha onde fica a jornalista responsável e mais um estagiário do Jornalismo. Mais ao fundo,

há uma pequena copa onde a equipe faz as suas refeições. No início da pesquisa, o setor possuía três estagiários, dois de Jornalismo e um de Design integrando as atividades produtivas da Divisão de Divulgação Científica. Mas, em consequência do bloqueio orçamentário por parte do Ministério da Educação (MEC) ²⁷, a UFU adotou medidas para redução de despesas, dentre elas a redução do quadro de estagiários em 60% ²⁸. Essa redução chegou na Dirco no começo de outubro e, com isso, a Divisão de Divulgação Científica perdeu um estagiário de Jornalismo.

Na parede da entrada da sala, foram colocados pequenos quadros com as matérias produzidas pela Divisão de Divulgação Científica que tiveram mais curtidas no *Instagram*. Cabe ressaltar que foi proposital manter a divulgação no perfil oficial da universidade, uma forma de mostrar que as produções do setor não se dissociam das UFU e, ao mesmo tempo, reforçar o papel de assessoria de imprensa. Pelos quadros na parede, percebe-se que há uma grande diversidade de temas científicos abordados, revelando a amplitude do trabalho deles, que abrange desde a produções sobre as ciências biológicas até a questões ligadas às humanidades.

Na parede da sala do meio, há alguns quadros informativos de comunicação interna. Em um deles, há uma lista com todos os cursos da UFU com referência a quantas matérias de ciências já haviam sido feitas até o momento. Segundo a jornalista responsável, a ideia é recente e surgiu com o objetivo de controlar quais áreas ou cursos não estão sendo tratados ou contempladas nas produções jornalísticas do setor, para que, assim, internamente eles pudessem buscar pautas nessas áreas. Em outro quadro, é possível saber os horários que cada membro da equipe estará na sala, bem como em quais matérias cada um está trabalhando no momento e uma lista de sugestões de pautas por datas comemorativas. Cabe ressaltar que as observações se orientaram pelo cronograma de horários da equipe do setor e respeitaram os agendamentos das entrevistas com os cientistas. Sobre isso, vale dizer que, a cada semestre, a equipe estabelece um dia da semana, de acordo com a disponibilidade dos bolsistas, para realizarem a reunião de pauta. Neste semestre (2019/2), período em que a pesquisa foi realizada, eles se encontravam todas as quintas-feiras às 13h. A reunião de pauta foi escolhida para ser o primeiro contato, pois ela reuniria todos da equipe, ofereceria subsídios para entender como estavam as apurações das pautas anteriores, assim como perceber como e de onde algumas pautas chegaram, se foram

²⁷ Por determinação do Governo Federal de Jair Bolsonaro (PSL), cerca de 40,5 milhões de reais foram bloqueados da UFU. As medidas de gestão dos recursos começaram a ser adotadas no final de agosto de 2019.

²⁸ Reportagem do G1 traz os detalhes dos efeitos dos cortes orçamentários na UFU, bem como a lista completa com as medidas tomadas pela UFU para reduzir as despesas (MG1; G1 TRIÂNGULO E ALTO PARANAÍBA, 2019). Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2019/08/19/cortes-de-despesas-na-ufu-sao-avaliados-por-professora-e-aluno-que-projetam-reflexos-negativos.ghml>>. Acessada em: 08 de nov. de 2019.

proposições externas ou da equipe. Desse modo, o ponto de partida nas observações deste estudo etnográfico foi uma reunião de pauta, especificamente na quinta-feira dia 22 de agosto. Para a escolha da data, foi respeitado o cronograma de pesquisa que previa a ida a campo na segunda quinzena de agosto.

Este primeiro contato foi importante para aproximar minimamente o pesquisador-observador-pesquisador, pois foi possível perceber a vontade de todos em falar sobre si, sobre as funções que desempenham e os trabalhos ali desenvolvidos. Sentiu-se que queriam que a rotina deles fosse entendida, uma vez que a detalharam, mesmo na ausência de perguntas. Essa atitude dos envolvidos na pesquisa de contarem como são suas atividades, de acordo Michael Angrosino (2009, p. 21), na obra “Etnografia e observação participante”, pode revelar o que eles entendem sobre o que fazem. Nas palavras do autor, acontece um processo de “introspecção compreensiva”. É como que se quisessem, também, que os resultados da pesquisa apontassem exatamente o que eles queriam contar. O pesquisador realizou uma escuta atenta. Esses encontros, assim como as outras reuniões de pautas, foram gravados em áudio e foram tomadas notas sobre alguns pontos, as quais estão registradas no “caderno de campo”. Entre uma sugestão de pauta e outra, eles voltavam à explicação do processo de feitura. Neste ponto de encontro, troca, absorção e assimilação, era como se esses elementos permitissem ao pesquisador tornar-se um deles, o que de fato aconteceu.

Durante a observação da última reunião de pauta para esta pesquisa, o pesquisador foi convidado a assumir uma das pautas apresentadas, tornando-se, assim participante da equipe e levando a pesquisa para o patamar de pesquisa participante, extremamente comum em pesquisas etnográficas. Estabeleceu-se uma relação de confiança na redação entre pesquisador-observador-pesquisados. O trabalho de campo imersivo com viés etnográfico e a boa relação com os membros do setor corroboraram para a integração ao grupo. Além disso, merece destaque a proximidade do pesquisador com a fonte de informação da referida pauta. Esse é um dos fatores que são levados em consideração para a distribuição das pautas entre os membros da equipe da Divisão de Divulgação Científica. Esse e os outros fatores são descritos mais à frente.

Sobre a imersão no mundo dos sujeitos, Angrosino (2009) aponta que isso é o esperado para uma pesquisa etnográfica com orientação teórica do IS. Assim, de acordo com o autor, o pesquisador:

Não pode ser um observador neutro das atividades deles, mas precisa subjetivamente tornar-se um deles. A chave para a etnografia interacionista é descobrir o sistema de símbolos que dá significado ao que as pessoas pensam e fazem (ANGROSINO, 2009, p. 21).

Esse momento, portanto, foi determinante para dar sequência ao trabalho de campo, para viabilizar uma integração do pesquisador na Divisão, o qual se tornou, assim, um participante-observador. Não foi percebida resistência por parte da equipe; pelo contrário, desde o primeiro contato com a equipe para pedir autorização para realização desta pesquisa, a sensação de acolhimento e apoio foi o que se destacou. Com o tempo, foi possível perceber que além de reconhecerem a pesquisa como um exercício acadêmico válido, os resultados poderiam agregar ao trabalho prático realizado pelo setor. Desse modo, foi possível observar o fazer cotidiano e a rotina do setor, buscando pelos elementos simbólicos apontados por Angrosino (2009) que fornecessem pistas sobre o extraordinário, ou seja, sobre os rituais de interação entre os jornalistas e os cientistas, que, nessa “descrição narrativa”, - para citar o conceito do pesquisador Fino (2008, p. 6) - são os achados de pesquisa.

De acordo com Pedro Paulo Thiago de Mello (2009, p. 49), em sua dissertação de Doutorado “Por trás da notícia: um olhar etnográfico sobre os rituais de interação numa redação de jornal”, a partir dessa imersão na realidade da redação é possível perceber:

A dinâmica geral do espaço de trabalho; como se dão na prática o engajamento, as disputas, os conflitos, a colaboração e a solidariedade durante a jornada de trabalho; como regras, ritos, etiquetas e competências são assimilados, vividos e justificados pelos atores em meio à hierarquia da empresa; e, nesse processo, como os fatos são constituídos em notícia pelos jornalistas.

Mas, para que isso acontecesse, durante a permanência na redação, era negociada essa inserção na equipe, principalmente no que dizia respeito aos interesses de pesquisas e aos interesses e expectativas da equipe. Além disso, foi preciso negociar com os horários de cada um. Mello (2009) aponta ainda que é no convívio e na relação face a face na redação que se encontram a compreensão das interações. O autor, para explicar como isso se dá, cita Evering Goffman (1967), que considera que, por meio dessa vivência, é possível analisar as situações de modo a perceber a “lógica estrutural”, assim como o plano do discurso e do comportamento (GOFFMAN, 1967 *apud* MELLO, 2009, p. 50).

Para perceber como se estrutura o Setor e para organizar o trabalho de campo, mantiveram-se em mente alguns questionamentos que contribuíram para nortear as observações.: “Como a pauta chegou ao setor?”, “O que é pautado?”, “Por que é pautado?”. Alguns deles foram feitos para a equipe e outros serviram apenas para a reflexão. Com a intenção de perceber como eram selecionadas as fontes para as pautas, questionava-se: “Como a equipe seleciona/filtra/descarta as fontes?”, “Uma vez selecionada, trata-se de uma fonte já

conhecida pela equipe ou é a primeira vez?”, “Há diversidade de fontes?”, “Quais são as expectativas dos jornalistas referentes as fontes?”, “Durante a reunião de pauta novas fontes surgem?”, “Se sim, quem são elas?”. A partir destes questionamentos, foi possível perceber os rituais de interações e a lógica estruturante do trabalho no Setor.

De acordo com Isaac Joseph (2000), em “Evering Goffman e a Microsociologia”, a análise do modo como os atores sociais se articulam entre si – aqui, no caso, cientistas-jornalistas e jornalistas-jornalistas –, revela que eles sabem precisamente reconhecer e julgar as situações para definir condutas adequadas durante as interações. Nas palavras do autor: “a sua experiência social não se organiza apenas segundo uma ordem de identidades e posições, mas também segundo um repertório de situações que têm seu vocabulário e seu determinismo, seu espaço cognitivo de restrições e negociações” (JOSEPH, 2000, p. 10). Assim, na redação, buscou-se compreender como estava organizada a rotina da equipe, fazer um mapeamento do lugar, como se organizam os *deadlines*, quem são as fontes de informação e qual a relação delas com a feitura dos produtos jornalísticos do setor.

Das observações, pontua-se que as pautas que chegam à Divisão de Divulgação Científica da UFU são de dois conjuntos. O primeiro é o de pautas internas propostas pelo grupo, denominadas por eles de “ativas”. São as pautas que os jornalistas buscam por conta própria no Repositório Institucional da UFU²⁹: teses e dissertações, principalmente, mas também trabalhos de conclusão de curso e as pautas sobre datas comemorativas (ver figura 4), chamadas, no setor, de “pautas de contexto”. O segundo é o de pautas externas, que são sugestões recebidas por Ordem de Serviço (OS), por e-mails da Divisão de Divulgação ou do pessoal da equipe ou por WhatsApp pessoal dos membros do setor. chamadas por eles de “passivas”, uma vez que os integrantes não buscam por conta própria.

²⁹ No Repositório, está armazenada a memória institucional da UFU. Qualquer pessoa, pode ter acesso às produções científicas, produtos técnicos, culturais ou artísticos desenvolvidos na universidade. Ele pode ser acessado pelo seguinte endereço: www.repositorio.ufu.br

Figura 4: Quadro com as principais pautas externas de “contexto” levantadas para cada um dos meses de 2019.

PAUTAS DE CONTEXTO - 2019	
Janeiro	Julho
Fevereiro	08/07: Dia Nacional de Ciência e Tecnologia
11/02: Mulheres e Memórias de Lúcia	Agosto
13/02: Dia do Rádio	Setembro
Março	Setembro Amarelo: Saúde mental
08/03: Dia da Mulher	Outubro
22/03: Dia de Ação	15/10: Dia do Professor (pesquisa em educação)
Abril	19/10: Dia Nacional da Inovação
02/04: Conscientização sobre câncer	21 a 27/10: Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
19/04: Dia do Índio (Lídia)	Outubro Rosa: Câncer de mama
Maio	Novembro
01/05: Dia do Trabalho (Cepes)	20/11: Dia da Consciência Negra
18/05: Dia Internacional dos Museus	Novembro Azul: Câncer de próstata
Junho	Dezembro
01/06: Semana Mundial do Meio Ambiente	01/12: Combate à Aids
19/06: Dia do Cinema Brasileiro	10/12: Dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos
28/06: Dia do Orgulho LGBT	

Foto: Thiago “Zina” Crepaldi

No processo de seleção das pautas, a Diretoria de Comunicação da UFU (Dirco/UFU) fica responsável por gerenciar todas as sugestões que chegam para divulgação por meio do Sistema de Ordem de Serviços (OS), que se divide em solicitações para Divulgação de Notícias³⁰ ou Divulgação de Eventos³¹. De acordo com a Política Editorial da Dirco, disponível no Portal eletrônico “Comunica UFU”³²:

As pautas para divulgação podem ser sugeridas por toda a comunidade universitária, porém, cabe à equipe da Dirco avaliar cada pauta sugerida para que se proceda ou não sua produção e divulgação e qual é o local mais adequado para a possível publicação, de acordo com o tema, a abordagem e o público-alvo (POLÍTICA EDITORIAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA).

Assim, o que é pautado diz respeito a esses critérios, além disso, são referentes às temáticas que envolvam pesquisas, descobertas científicas e cientistas, pesquisadores/pesquisadoras ligados à UFU. A Dirco filtra, seleciona e encaminha para a

³⁰ Solicitação de divulgação de notícias: <http://www.historicodirco.ufu.br/node/add/oss-noticia>

³¹ Solicitação de divulgação de eventos: <http://www.historicodirco.ufu.br/node/add/oss-evento>

³² Política Editorial da Diretoria de Comunicação da UFU está disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/divulgacao>. Acessado em: 08 de nov. de 2019.

Divisão de Divulgação Científica. Ainda de acordo com a orientação da Política Editorial da Dirco:

Para que seja divulgado, o assunto deve ter relação direta com algum setor ou integrante da comunidade acadêmica: estudante, gestor ou servidor da UFU, no exercício de sua função discente, administrativa, docente ou técnica. Todas as sugestões de pauta devem ser enviadas via formulário eletrônico (POLÍTICA EDITORIAL, UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA).

Respeitando-se esses critérios, o Setor de Divulgação Científica registra o recebimento e informa o solicitante, por e-mail, que irá analisar o pedido. A Política Editorial se estende para as outras pautas externas, assim como as pautas internas. Dependendo da urgência de divulgação, se dá o encaminhamento imediato para a apuração das informações e a construção do texto. Do contrário, ficará aguardando até a próxima reunião de pauta, quando será, então, colocada em discussão a solicitação. Os possíveis encaminhamentos de produção para as pautas são: coluna mensal de ciências ³³, elaboração de uma notícia, reportagem ou uma série de reportagens dedicadas aos temas ligados aos conhecimentos científicos. Esse direcionamento é feito durante a reunião de pauta. Antes disso, é feita a distribuição entre os membros da equipe.

Durante a etapa de separação das pautas, na qual se forma uma roda, percebeu-se que são levados em consideração: a carga de pautas já acumuladas, a proximidade ou o contato prévio/anterior com o(a) cientista, questões de agenda pessoal/disponibilidade da equipe e as preferências temáticas/pessoais dos membros da equipe. Uma vez selecionadas, as pautas externas, normalmente, já tinham uma fonte principal indicada e, na maioria dos casos, a fonte era única. O mesmo acontece com as pautas internas. Assim sendo, foi constatado que na maioria das pautas do setor não há uma diversidade de fontes. Este ponto vai de encontro às problematizações levantadas por Wilson Bueno (2011) sobre o fato de os jornalistas científicos ficarem reféns das fontes. Porém, foi possível ver que há uma disposição tanto da equipe quanto dos cientistas para novas fontes, visto que os últimos estão sempre prontos para indicar outros/outras colegas para fornecerem informações.

³³ Notando a quantidade crescente de pautas que chegavam no setor, e que por vezes não rendiam uma reportagem, seja por questões de informação ou seja de tempo, a jornalista responsável propôs, no final de agosto deste ano, - durante o período de observação desta pesquisa - a criação de uma coluna mensal de ciências. Nela é divulgada, na última semana de cada mês, uma lista de notas e comentários sobre as participações de pesquisadores/pesquisadoras da UFU em congressos, descobertas e trabalhos apresentados pela comunidade científica e egressos da UFU, prêmios que cientistas conquistaram ou entrevistas concedidas por membros da UFU para veículos de comunicação, entre outros. A primeira coluna mensal trouxe os seguintes temas: “Ciência nas redes sociais”, “Homenagem”, “Mulheres na ciência”, “Percepção pública da ciência”, entre outros temas. Disponível em: <<http://comunica.ufu.br/noticia/2019/08/comunica-ufu-estreia-coluna-mensal-de-ciencia>>. Acessado em 08 de nov. 2019

A relação dos jornalistas com os cientistas permeia todas as produções do setor, tendo diferentes níveis de interações nos diferentes contextos de pautas. As pautas que chegam ao setor via OS, ou seja, intermediadas por um sistema eletrônico, inicialmente não colocam a fonte em contato direto com o jornalista. Em muitas dessas situações, os jornalistas não conhecem esse cientista que envia a solicitação por OS, já que a maioria deles estão realizando pela primeira vez um pedido de divulgação no setor. Por consequência, no trato da pauta, os jornalistas são mais cuidadosos, já que não se conhece o/a cientista e é desse encontro que será possível realizar a produção. Outro ponto importante é que as solicitações que chegam via OS por vezes têm poucas informações, ou precisam ser esclarecidas e trabalhadas pelo repórter durante a entrevista com a fonte.

Sobre esta questão do encontro com as fontes, Denise Casatti (2006), no texto “Viagem ao outro: um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes”, explica que a relação entre jornalistas e fontes possibilita a troca de uma série de informações que podem, inclusive, proporcionar a construção diferenciada do produto jornalístico. Essa noção apresentada pela autora ficou evidente durante as observações e foi expressa na fala da jornalista responsável do setor. “A gente não pode menosprezar nenhuma pauta, por mais que às vezes a pauta venha numa comunicação um pouco mais complicada, porque desta sugestão podemos produzir algo que seja interessante e que aguace a curiosidade da comunidade externa à UFU”, compartilhou com a equipe durante uma reunião de pauta, destacando a importância de todas as sugestões de pauta, por mais truncadas que estejam.

Com essa colocação da jornalista, fica explícito o cuidado e a preocupação com a necessidade de estreitar a relação com os cientistas, ao mesmo tempo em que marca a importância do contato com os cientistas durante o processo produtivo, uma vez que são desses encontros que surgem outras possibilidades além da pauta pré-estabelecida. Isso porque as informações que chegam ou as que são levantadas pelos jornalistas para as pautas vão ser lapidadas na interação entre jornalista-cientista por meio dos questionamentos e da negociação dos interesses específicos de ambos.

Durante as reuniões, principalmente, na discussão de algumas pautas que tinham apenas o tema, acontecia de o grupo compartilhar e sugerir contatos de pesquisadores/pesquisadoras que já haviam sido consultados em outras oportunidades ou que já tinham certa proximidade com o membro da equipe. Consequentemente, trocavam contatos. Foram raras as vezes em que as fontes sugeridas não foram usadas. Esse interesse por fontes já conhecidas reforça os aspectos de agilidade no processo de apuração dos produtos jornalísticos e, na maioria dos casos, facilita o encontro presencial.

As reuniões de pauta duram cerca de uma hora. Em seguida, é apresentada a agenda de atividades do setor (participação em congressos, apresentações, reuniões do grupo de estudo e de pesquisa, férias, entre outras). Feito isso, voltam para os seus lugares e continuam a desenvolver os trabalhos que já tinham começado. As pautas novas entram fila de prioridade, disponível no quadro de *post-it* (ver figura 5). Assim que possível, é feito o encaminhamento destas novas pautas.

Figura 5: Quadro de agendamentos da Equipe do Setor de Divulgação Científica da UFU e distribuição das pautas.



Foto: Thiago “Zina” Crepaldi

Dado o encaminhamento das pautas, com o agendamento dos encontros com as fontes de informação, foi comum observar que, durante as entrevistas presenciais, os jornalistas buscavam deixar claro para os cientistas que minimamente já haviam se preparado para o encontro e que não ignoravam totalmente o assunto. Na maioria das vezes, levavam para as entrevistas a pauta impressa e/ou o artigo científico e/ou textos de apoio (ver figura 6). Nota-se que esse ritual, antecedente às entrevistas, contribuía para que os jornalistas fizessem a assimilação e atingisse um nível de compreensão do assunto da pauta. Além disso, facilitava a

busca de aplicações e exemplos práticas num menor tempo possível. Na maioria desses casos, as associações feitas pelos jornalistas foram compartilhadas com os cientistas ainda durante a entrevista, propiciando, assim, trocas de ideias entre ambos.

Figura 6: Encontro da equipe da Divisão de Divulgação Científica da UFU com o cientista no laboratório.



Foto: Thiago “Zina” Crepaldi

Sobre esses encontros, cabe destacar que apesar de os cientistas terem que parar as suas atividades para atender a equipe da Divisão de Divulgação Científica da UFU, é a equipe que vai até os cientistas, na maioria das vezes. Para tanto, a equipe conta com um veículo da universidade e, sempre que possível, um fotógrafo acompanha a entrevista para fazer os registros fotográficos que vão compor o produto final e a divulgação nas redes sociais da UFU.

No trecho a seguir, destaca-se o início da entrevista presencial da jornalista com um cientista da UFU que publicou um artigo científico numa revista internacional: “Bom, professor, já dei uma olhada aqui no artigo, você também já me adiantou algumas coisas por e-mail. Mas, eu gostaria que você explicasse: o que é essa pesquisa que deu origem a esse artigo?”, pergunta a repórter. Diante deste começo de conversa, nota-se que esse não foi o primeiro contato da jornalista com o tema, nem dela com o cientista. Isso porque, antes da marcação da entrevista eles já haviam trocado e-mails para esclarecer algumas questões sobre

o artigo publicado. Ao iniciar a conversa fazendo esse resgate das trocas de mensagem, é como se a jornalista lembrasse ao cientista a boa relação construída até ali. Sentada ao lado do pesquisador, a jornalista lança uma questão que busca extrair do cientista o que é fundamental: a pesquisa que foi desenvolvida e os resultados divulgados no artigo. Assim o cientista é convidado pela jornalista a contar o que é a pesquisa, o que desloca o foco da pauta, recebida no setor, de uma mera divulgação sobre a publicação de um artigo científico numa revista internacional. Com isso, destaca a importância dos estudos realizados, bem como os impactos de tais estudos para a sociedade.

Tratando dos desdobramentos das entrevistas, Denise Casatti (2006, p. 90) explica que a pergunta feita pelo/pela jornalista para as fontes muitas vezes suscita uma resposta que não seria dada se não fosse feita tal pergunta. Segundo a autora, o contrário também acontece: uma intervenção ou colocação de uma fonte provoca no jornalista algo que ele jamais pensaria. Na concepção da autora, “é por isso que, por mais que exista uma pauta pré-estabelecida, a verdadeira matéria nasce quando um Eu se encontra com um Tu. É aí que o processo de compreensão se dá: neste imprevisível momento chamado encontro” (DENISE CASATTI, 2006, p. 90).

O ponto de vista de Casatti (2006) do encontro do Eu e Tu foi perceptível durante as entrevistas realizadas pela Divisão de Divulgação Científica, especialmente as presenciais. Viu-se que, ao mesmo tempo os jornalistas tiravam as suas dúvidas para a produção do material, por vezes eles faziam perguntas para os cientistas para responder a possíveis dúvidas do público leitor, não especializado. Em forma de expectativa e projeção, há um encontro do público e do cientista, mediado pelos jornalistas durante o processo de feitura. Um exemplo disso aparece no trecho a seguir. Durante a entrevista, a jornalista aproveitou a colocação do cientista para pedir que ele falasse sobre os errôneos e/ou parciais conhecimentos sobre a doença Toxoplasmose³⁴, infecção popularmente atribuída apenas aos gatos.

Cientista:– [...] Se tiverem dez pessoas aqui, de seis a sete são chamadas de soro positivas sem nunca ter tido nenhuma manifestação. É chamada assim de assintomática. Dois terços da população têm essa infecção, isso porque tanto o ambiente, contato com a terra, solo, alimentos e animais tem esse tipo de contaminação. Por exemplo, galinha caipira (...) que passa a vida toda ciscando, quando ela cisca ela acaba ingerindo essas formas de resistência desses protozoários (...). Tá, estou falando do ciclo, estou falando numa linguagem assim bem mais [específica].

Jornalista: – Claro!

³⁴ A Toxoplasmose é uma infecção causada pelo parasita *Toxoplasma gondii*.

Cientista: – Agora outra coisa, também, aí vem a questão das hortaliças, porque o próprio vento, não fica só no solo, animais que a gente usa para alimentação bovinos, suínos e aves são contaminados, são altíssimos, às vezes até mais alto do que o da população.

Jornalista: – Aproveitando que o senhor está falando essa parte desses indícios de população, porque a gente pode aproveitar para esclarecer. Muitas pessoas às vezes pensam que pode aumentar a chance de ter toxoplasmose, por exemplo, tendo gatos em casa.

Cientista: – Isso, exatamente! O famoso: “todo mundo põe a culpa do gato”.

Jornalista: – E não é bem assim, então?

Cientista: – Porque, vamos supor, os alimentos que a gente ingere, por exemplo, carne vermelha, eles estão contaminados, suínos principalmente. Aqui no Brasil não se come muita carne de cordeiro e de carneiro, na Europa é uma das principais formas de contaminação. No Brasil, parece que a maior fonte, em termos de contaminação de carne, é a carne suína.

Jornalista: – Então para evitar, não é evitar ter gato? O que a gente precisa fazer?

Cientista: – O gato, o que ele é: o gato é o que a gente chama de hospedeiro definitivo, que é lá que ele vai ficar. Porque a sua presa é um roedor, o roedor está muito contaminado por ter muito contato com o solo. E no gato, no intestino do gato que se processa esse chamado ciclo sexuado e as fezes do gato vai no ambiente e fica ali por anos, em forma de resistência.

(Entrevista entre a jornalista Diélen Borges e o cientista José Roberto Mineo, grifos nossos, informação verbal).³⁵

No caso supracitado, o interesse inicial do cientista era divulgar a recente publicação de um artigo numa revista internacional ³⁶ cujo assunto principal era tratar sobre os riscos de infecção em pacientes de transplantes de medula, que muitas vezes são negligenciados no Brasil. Porém, vê-se que a jornalista, na interação com o cientista, aproveita a oportunidade para trazer uma informação nova aos leitores que possivelmente compartilham um conhecimento que se popularizou, mas, apesar de não estar completamente equivocado, esconde os riscos de infecção para além dos gatos. Em outro trecho da mesma entrevista, surge uma pergunta muito interessante, segundo o cientista:

Jornalista: – Ainda antes da gente entrar no artigo...você falou também sobre esse índice alto de dois terços da população tem...

Cientista: Infectados, tiveram contato com, mas não têm a doença.

Jornalista: – Infectado, mas o que isso significa? Por exemplo, a pessoa é imune, pelo fato dela ter?

Cientista: – Essa é uma outra ... muito interessante pergunta. No Brasil a gente não pode falar que ela é totalmente imune. Porque tem uma biodiversidade, é um negócio impressionante.

Jornalista: – Nossa! Olha que eu achava que sabia muito, porque eu já fiz um exame que apareceu isso. Ah, então eu estou bem! Eu estou imune! Então não é bem assim, então?

Cientista: – É, muito cuidado.

³⁵ Informações obtidas pela gravação da entrevista entre jornalista e cientista realizada em outubro de 2019.

³⁶ O artigo “Transmission of Toxoplasma gondii Infection Due to Bone Marrow Transplantation: Validation by an Experimental Model” foi publicado no dia 15 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6804406/>>. Acessado em: 19 de nov. de 2019.

Jornalista: – É preciso esclarecer isso também
(Entrevista entre a jornalista Diélen Borges e o cientista José Roberto Mineo, grifos nossos, informação verbal).

Nesse caso, constata-se a noção de Casatti (2006) de que o produto jornalístico é resultado do encontro face a face do cientista com o jornalista. Ainda observando a transcrição desses dois fragmentos da entrevista, compreende-se que tanto o cientista quanto a jornalista estão abertos para a negociação, para fazer as suas ideias que são divergentes se convergirem a ponto de contribuírem para a ampliação do conhecimento que as pessoas já possuem acerca da infecção e da doença. Essas trocas de informações são possibilitadas pelos momentos de encontro e pela relação de confiança estabelecida entre ambos.

Analisando as entrevistas realizadas pela Divisão de Divulgação Científica, sob a luz da leitura da obra “A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa que diz respeito ao objetivo da entrevista jornalística”, do autor Nilson Lage (2006), verifica-se que por elas se centram mais no entrevistado e naquilo que ele tem a dizer, trata-se de uma entrevista ritual. Ainda utilizando a classificação de Lage (2006), quanto às circunstâncias de realização, a maioria das entrevistas do setor são do tipo dialogada, uma vez que são agendadas, controladas, construídas pelo diálogo, podendo ter um aprofundamento dos tópicos tratados.

Um rito dos jornalistas durante essas entrevistas é a solicitação de autorização para fazerem a gravação do áudio. Apesar de os produtos serem no formato de texto, segundo eles, o arquivo ajuda na elaboração do produto final. Essa estratégia permite que o jornalista fique livre para interagir, questionar, ser indagado, sem uma preocupação excessiva com as anotações, o que não significa, também que, eventualmente, o jornalista não tome alguma nota. Desta maneira, a imersão do/da jornalista no encontro com o/a cientista para a entrevista é livre.

Esta constatação se torna relevante para esta pesquisa, na medida em que se compreende que a equipe prefere entrevistar pessoalmente os pesquisadores/as. Durante a pesquisa, nenhuma pauta que teve entrevista pessoalmente deixou de ser publicada, mas em algumas pautas que não foi possível entrevistar os cientistas envolvidos não foram desenvolvidas, principalmente por falta de informações. Com isso, confirma a importância do encontro, da relação e da interação dos jornalistas com os cientistas para a produção dos conteúdos de JC. Além disso, ficou em destaque, com as observações, que os jornalistas do setor preferem e se esforçam para encontrar os cientistas pessoalmente, pois entendem que as trocas durante esses encontros são ricas e contribuem para esclarecer as dúvidas referentes à pauta.

Todavia, a falta da entrevista pessoalmente não impede a feitura. Por exemplo, em uma pauta interna, “pauta de contexto”, por questões de agenda, a cientista não poderia estar

presente. Para cumprir com a *deadline* e a prioridade, a pauta, então, foi feita por troca de mensagens por WhatsApp e por e-mail. Em conversa informal com o estagiário responsável, ele explicou as dificuldades que enfrentou não tendo encontrado a pesquisadora:

Troquei duas versões do texto com ela porque estava complicado fazer. Nesta troca, a pesquisadora indicava muitos termos técnicos para o texto. Fui levando na paciência. Foram mais de duas semanas trabalhando na pauta (...) muito por causa da dificuldade de encontrar ela, muito requisitada. Ela estava dando aula para Pós[-graduação], estava organizando um congresso, estava dando um curso. Então ela estava bem apertada com a rotina (Conversa informal com estagiário do setor, João Pedro, grifo nosso, informação verbal).³⁷

Nessa situação, identifica-se que a falta do contato deixa o processo de produção do conteúdo do JC mais demorado. Assim sendo, a feitura do JC depende muito da negociação entre os agentes desse processo, em maior ou menor grau. Com essas observações, certifica-se que a interação face a face colabora para uma produção mais célere e, ao mesmo tempo, enriquece o processo em termos de detalhes, aprofundamentos e pela possibilidade de diálogo, pois conta com a negociação e enfrentamento dos interesses dos jornalistas com os interesses dos cientistas durante a entrevista, como apresentado em outros trechos acima.

5.2 – A Divisão de Divulgação Científica além do ambiente de redação

Acompanhar a rotina da redação da Divisão de Divulgação Científica da UFU foi significativa para a pesquisa, uma vez que possibilitou a percepção das nuances do processo de feitura jornalística. Além disso, outro ponto que se sobressaiu nessas observações foi que esse trabalho e as relações com as fontes de informação não se restringem ao espaço-tempo da sala no prédio da Reitoria da UFU ou durante as entrevistas. A equipe tem buscado alcançar cada vez mais os cientistas que desejam divulgar as suas pesquisas, suas descobertas, e, para isso, o setor tem se difundido na instituição, ampliando a sua rede de fontes e buscando ter o seu trabalho reconhecido por meio de atividades além da redação.

Assim sendo, na agenda da equipe, entre as produções jornalísticas são reservados horários para a equipe participar de uma reunião geral com a Diretoria de Comunicação da UFU (Dirco), para a organização e mediação do grupo de estudos em Comunicação Pública da Ciência (CPC), e, mais recentemente, colaboraram com a execução do curso de Extensão

³⁷ Informações obtidas pela gravação de uma conversa informal com estagiário do setor, João Pedro realizada em novembro de 2019.

“Divulgação Científica” entre cinco de outubro e 30 de novembro de 2019. O curso aconteceu aos sábados e contou com cinco módulos, com quatro horas cada: 1) “Descomplicando a divulgação da ciência”, mediado pela Adriana Cristina Omena dos Santos (Professora e pesquisadora da UFU na área de Comunicação); 2) “Como produzir conteúdo para os meios de comunicação?”, ministrado três membros da Divisão de Divulgação Científica - Diélen Borges (Jornalista e Editora de Ciência na UFU), Taciana Sousa (Psicóloga e técnica da Divisão de Divulgação Científica da UFU) e Anna Cauhy (Estudante e estagiária de Design na UFU) – e pela estagiária representante da Diretoria de Comunicação da UFU - Mariana Oliveira (Estudante e estagiária de Jornalismo na UFU); 3) “Conversando com a sociedade: vivências e troca de saberes”, com os professores Elias José de Oliveira (Professor e pesquisador da UFU na área de Enfermagem) e João Carlos de Oliveira (Professor e Pesquisador da UFU na área de Saúde); 4) “Ciência e extensão: conhecer, agir e compartilhar”, oferecido por Vânia Bernardes (Diretora de Extensão da UFU), Maria Cecília de Lima (Coordenadora da Escola de Extensão da UFU) e Ana Angélica Belório (Técnica administrativa da Proexc/UFU); 5) “Como falar com a imprensa?”, apresentado pela Renata Neiva (Diretora de Comunicação Social da UFU).

Durante este estudo, entendeu-se a necessidade de acompanhar esses momentos para verificar como eles se relacionam com a rotina da equipe. Cabe ressaltar que em cada um desses espaços a equipe compartilha e divulga o trabalho que faz, ao mesmo tempo em que estabelece uma rede de fontes e contatos.

Na reunião geral da Diretoria de Comunicação da UFU com a presença da Divisão de Divulgação Científica, os questionamentos que guiaram a observação foram: “O que seria tema da reunião?”, “Por que seria importante se reunirem?”, “Como o trabalho desenvolvido pela Divisão de Divulgação Científica tem sido visto pelos jornalistas que ocupam a Dirco?”.

Nestes encontros, percebeu-se que acontece o alinhamento do trabalho entre as equipes, bem como o compartilhamento das pautas que estão trabalhando, para não acontecer a sobreposição e repetição das apurações. Além disso, a Dirco, por vezes indica algumas pautas para a Divisão de Divulgação Científica que eventualmente não foram encaminhadas ao setor. Esses momentos servem para a reflexão acerca do trabalho que realizam, tanto para a Dirco quanto para a Divisão.

Neste sentido, durante a observação de um desses encontros ficou evidente a diferença no processo de feitura estabelecido nas duas equipes, principalmente no que tange o tratamento, a relação e os rituais de interação com as fontes de informação. Na fala de um dos jornalistas da Dirco, durante a reunião, ele nos chamou a atenção para algumas dessas diferenças:

Qual que é o grande problema? O volume de demandas é grande. São demandas que chegam em cima da hora, então a gente tem aquela necessidade de agilizar a divulgação. E, para fazer isso rapidamente, acaba sendo linha industrial mesmo. Chegou, só mexe numa palavrinha aqui e ali e publica o quanto antes. A maioria das vezes nem passa pelo revisor. Eu concordo, até para a experiência do pessoal que está fazendo o estágio, o ideal seria isso [estar presente com as fontes e fazer uma cobertura mais ampla], mas na nossa realidade é muito difícil colocar isso em prática. (...) Se a gente deslocar a pessoa [para a entrevista] vai comprometer a produção dessas demandas que chegam incessantemente pra gente, porque a pessoa tem que estar aqui para produzir isso. (Fala jornalista, Hermom Dourado, durante reunião da Dirco, informação verbal)³⁸.

Essa colocação permite verificar que a recepção e o tratamento da pauta pelas equipes são diferenciados entre as equipes da Dirco e da Divisão de Divulgação Científica da UFU. Pelas observações nesta pesquisa, para o processo de feitura no JC viu-se que é necessário o encontro com os cientistas para propiciar a tradução dos conhecimentos científicos, de modo a evocar *insights*. Os resultados dos encontros que são encadeados para a obtenção do produto final, do gênero jornalístico informativo³⁹: reportagens, notícias e/ou entrevistas em uma linguagem acessível e próxima ao público leitor, geralmente, universitários ou pessoas não são especializadas. Por outro lado, no caso da Dirco, o release que recebem muitas vezes é modificado para o gênero jornalístico informativo – formatos de notas e/ou notícias.

Nos estudos sobre a classificação dos gêneros e formatos do jornalismo, Marques de Melo (2003, p. 13), pela leitura da obra “Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro”, defende que “os gêneros jornalísticos sofrem influência direta da cultura em que se inserem, seja em local ou em tempo diferente”. Isso corrobora com o fato de que o tratamento diferenciado que a Divisão de Divulgação Científica dá às suas fontes de informação, por ocupar um espaço-tempo diferente do ocupado pela Dirco, estabelece proximidades e interações importantes para o processo produtivo do setor que culminam nos diferentes formatos produzidos por cada uma das equipes. Segundo o depoimento de membros da equipe da Dirco, as pautas não são abordadas com profundidade e por vezes não há encontros com a fonte devido ao fluxo constante de demandas, às questões relativas à jornada de trabalho e, também, ao fato de a equipe ser reduzida.

Posto isso, a equipe considera relevante o trabalho que a Divisão de Divulgação Científica tem realizado, pois eles conseguem funcionar como uma redação. Destaca-se aqui

³⁸ Informações obtidas pela gravação da Reunião da Dirco com a Divisão de Divulgação Científica em setembro de 2019.

³⁹ Essas divisões de gêneros e formatos seguem a classificação de José Marques de Melo e Francisco de Assis (2010), da obra intitulada de “Gêneros jornalísticos no Brasil”.

que ambas prestam um serviço de assessoria de comunicação, porém a Dirco responde às necessidades da UFU toda, enquanto o setor de DC consegue dedicar o tempo para trabalho aprofundado nas divulgações e promoção dos campos científicos da UFU.

Outro espaço-tempo que a Divisão de Divulgação Científica da UFU ocupa é o Grupo de Estudos em Comunicação Pública da Ciência⁴⁰. Sobre o aspecto da CPC no setor, Malagoli (2019, p. 81) apontou que a Divisão estava trabalhando, desde a sua criação, de maneira excepcional nas ações de comunicação da ciência e possuíam algumas atividades que se aproximavam dos preceitos de CPC. Porém segundo a autora o Setor ainda precisava buscar “o envolvimento com a sociedade com vistas ao exercício da cidadania das pessoas com acesso ao conteúdo”. Mas, pelas observações desta pesquisa, enxerga-se, nessa iniciativa de montar um grupo de estudos, uma excelente oportunidade para a formação e compreensão teórica dos participantes acerca da CPC. Nessa direção, acreditamos que conhecer a CPC é um importante passo para que se possa colocá-la em prática.

Um aspecto sutilmente percebido durante as participações no grupo de estudo é que, além de os membros se debruçarem em leituras de textos e artigos sobre o tema CPC e sobre a DC, o grupo tem permitido o estreitamento dos laços entre jornalistas da divisão, pesquisadores do tema CPC e DC, bem como com os cientistas com genuíno interesse na divulgação da ciência. Isso porque ele não atraía apenas jornalistas interessados em fazer JC e/ou DC, mas também cientistas (ver figura 7). Acreditamos que essa relação próxima dos jornalistas com os cientistas reverbera na rotina produtiva, no ambiente da redação, e, principalmente, no tocante do tratamento com as fontes de informação das pautas tanto internas quanto externas.

Nos encontros que observamos, foi possível notar que, durante a apresentação, os participantes mencionavam as áreas de estudo e, também, a pesquisa que estavam desenvolvendo, e isso já era registrado pela equipe da Divisão de Divulgação Científica, que informalmente, convidava o/a cientista para entrar em contato com o setor, futuramente, quando da conclusão da pesquisa. Esse ritual de escolha das fontes evidencia a vontade de manter os cientistas por perto, tendo em vista que o trabalho do setor depende da participação das fontes.

⁴⁰ O grupo existe desde 2018, porém se tornou aberto para toda comunidade, interna e externa à UFU, no final de março de 2019.

Figura 7: Encontro do Grupo de Estudos em Comunicação Pública da Ciência desenvolvido pela Divisão de Divulgação Científica da UFU.



Foto: Alexandre Costa

Esse garimpo de fontes e pautas feitos pela equipe ficou evidente durante o segundo módulo do curso de Extensão Divulgação Científica⁴¹, chamado de “Como produzir conteúdo para os meios de comunicação?” (ver figura 8). Esse momento do curso contou com a participação de várias pessoas do setor que compartilharam o modo como acontece o trabalho de feitura na Divisão. Para além disso, percebeu-se que, durante o referido módulo, a jornalista utilizava exemplos práticos de pedidos de divulgação que haviam chegado ao setor por Ordem de Serviço, de modo a instruir os participantes sobre como deveriam enviar seus pedidos de divulgação. Foi como se o Setor mostrasse para os cientistas como pautar a Divisão. Em um momento prático do curso, foi solicitado aos participantes que fizessem um texto de divulgação sobre suas áreas de pesquisas ou as dos demais colegas. Alguns escolheram compartilhar o que escreveram, outros preferiram entregar o texto em mãos ou por e-mail. Esses mesmos textos produzidos pelos participantes do curso foram levados para a reunião de pauta seguinte à realização do curso, com a finalidade de serem pensados como pauta.

⁴¹ O curso de extensão teve sua primeira edição neste ano de 2019. Era composto por cinco módulos: 1) descomplicando a divulgação da ciência; 2) como produzir conteúdo para os meios de comunicação?; 3) conversando com a sociedade: vivências e troca de saberes; 4) Ciência e extensão: conhecer, agir e compartilhar; 5) como falar com a imprensa?. O curso foi realizado pela Divisão de Divulgação Científica em parceria com a Pró-reitoria de Extensão da UFU.

Figura 8: Segundo módulo do Curso de Extensão “Divulgação Científica”: Como produzir conteúdo para os meios de comunicação?



Foto: Thiago “Zina” Crepaldi

Com esse material em mãos, a equipe encaminhou alguns temas para pauta, por exemplo, o que o pesquisador pegou durante o trabalho de campo desta pesquisa. Também outros foram editados pela equipe do setor, o que impulsionou a abertura de um novo espaço de publicação no portal Comunica, na sessão de Ciência, que divulgou esses produtos escritos por cientistas⁴². Acredita-se que essa iniciativa, ainda que experimental, é relevante por evidenciar a estreita relação dos jornalistas com os cientistas, na feitura deste trabalho que é colaborativo.

De acordo com a equipe, a ideia é expandir esta proposta para 2020, abrindo possibilidade para receber produtos feitos por qualquer cientista da UFU que esteja interessado em fazer a divulgação científica das suas pesquisas e estudos, cabendo à equipe o trabalho de curadoria destas produções. Essa proposição permitirá melhores condições de trabalho à equipe, com uma demanda mais condizente com o reduzido número de membros.

Feitos esses apontamentos, compreende-se que o fato de a equipe do setor estar fora do ambiente da redação favorece a busca por estabelecer ligações, conexões e interações com os cientistas, ações que são relevantes na determinação de fontes e novas pautas. Isso valida a

⁴² A primeira produção colaborativa foi publicada no Portal no dia quatro de novembro. Foi feita por Leandro Moro, que é licenciado em Física, mestre em Educação e atualmente estudante de Doutorado em Educação pela UFU. O pesquisador apresentou a discussão das radiações no cotidiano: “Como as radiações podem estar presentes em sua vida?”. Disponível em: <<http://www.comunica.ufu.br/noticia/2019/11/como-radiacoes-podem-estar-presentes-em-sua-vida>>. Acessado em: 07 de nov. de 2019.

relevância das fontes de informação para o processo de feitura do JC e da DC no Setor, haja vista que elas estruturam o processo. Devemos lembrar que a criação do Setor na UFU é recente, inaugurado em março de 2018, o que naturalmente exige que se busque estabelecer a rede de cientistas fontes.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento desta pesquisa, a partir do IS com viés etnográfico, foi possível ficar imerso nos processos de produção na Divisão de Divulgação Científica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e perceber o quão estruturante é a relação dos jornalistas com suas fontes de informação, especialmente os cientistas. Esse trabalho de campo, cujo objeto esteve diretamente relacionado com minha trajetória formativa nos cursos de Jornalismo e Biologia, foi desafiador no sentido de me colocar como observador-participante desses agentes sociais.

Pela vivência nesse mundo social, como biólogo e jornalista, reconhecemos que há diferenças entre os modos como se dá a produção do conhecimento nos dois campos. Porém, ainda assim, em termos práticos tanto a DC, quanto o JC são realizados. E, movido por essa reflexão, cabe lembrar que o questionamento de pesquisa foi: como as diferenças entre as culturas profissionais se colocam em negociação na interação entre jornalistas e cientistas durante os processos de produção dos conteúdos do JC e/ou DC no Setor na UFU? Para responder essa questão norteadora, foi necessário ir a campo para observar, sistematicamente, como acontecem os rituais de interação. Ao tangenciar às questões principais, foi possível perceber os desafios e especificidades do JC, bem como da DC. Para sustentar as observações, apresentou-se uma discussão teórica e metodológica sobre “O Interacionismo Simbólico e etnografia como percurso”, trazendo uma retrospectiva das origens e perspectivas do IS, além de mostrar como a etnografia pode ser aplicada aos estudos interacionistas. Abordou-se, ainda, a discussão sobre “Jornalismo, Assessoria e o Jornalismo de Ciências”, pensando nas rotinas produtivas e as diferenças conceituais do JC e da DC. Por fim, estabeleceu-se uma problematização sobre quem são as fontes do jornalismo e dos cientistas como fontes de informação.

Sabíamos dos desafios que enfrentaríamos no decorrer do estudo. Mas, estávamos certos que poderíamos encontrar algo que contribuísse para elucidar as nuances da feitura do JC e da DC no Setor. Desta maneira, os achados de pesquisa foram indutivos, mas imensamente importantes, pois utilizamos o acúmulo das observações para compreender os rituais de interações do encontro entre os jornalistas e os cientistas do Setor.

Uma das dificuldades encontradas durante a pesquisa foi perceber se a equipe agia naturalmente, visto que eles sabiam que estariam sendo observados. Uma alternativa é não considerar as primeiras observações na redação. Mesmo que não seja possível uma descrição totalmente real, nosso objetivo é alcançar uma maior proximidade com a realidade. Ainda

assim, acredito que estar junto à equipe interferiu na rotina do grupo e nas suas ações; o pesquisador não esteve isento, sendo essa uma característica própria da pesquisa etnográfica. Sobre isso, Isabel Travancas (2006), no texto “Fazendo etnografia no mundo da comunicação”, pontua que, de fato, na observação participante o pesquisador social entende que não terá uma posição neutra no grupo a ser observado.

Além disso, outra dificuldade foi conseguir perceber exatamente o que a equipe e os cientistas estavam percebendo sobre o processo em desenvolvimento e em observação. A respeito disso, Gláucia Mendes (2013), no artigo “A construção da notícia sob a ótica etnográfica: contribuições da antropologia para os estudos de jornalismo”, reforça que nem sempre o pesquisador irá conseguir compreender exatamente os seus informantes, uma vez que as explicações que surgem são construções simbólicas sobre as explicações dos outros.

Destacamos que não é comum, no curso de Jornalismo da UFU, bem como nos programas de pós-graduação que se relacionam com o curso, que trabalhos de monografia e mesmo mestrado se debruçarem etnograficamente sobre uma questão. Apesar de haver outros trabalhos que se dedicaram a estudar a Comunicação Pública da Ciência na UFU e sobre a Divulgação Científica (FRANCO, 2013; ANJOS, 2015; MALAGOLI, 2019), não havia ainda um trabalho que se dedicasse a entender como acontece a feitura, o que está por trás dos produtos publicados. Desta maneira, as dificuldades de pesquisa que encontramos se converteram em oportunidade, potencializando e ampliando os conhecimentos acerca do JC e da DC que tem sido produzida na UFU. O material possivelmente servirá de apoio para trabalhos futuros que evoquem a etnografia como viés de estudo.

Para trabalhos futuros seria interessante buscar compreender como os cientistas têm se apropriado da DC, buscando mapear com mais profundidade quais são os interesses dos cientistas nestas produções, algo que não aparece nas atuais referências e não era objetivo deste estudo, mas que no percurso sentiu-se a falta desse aprofundamento.

Espera-se, portanto, que os achados dessa pesquisa possam, de alguma forma, contribuir com outros pesquisadores/pesquisadoras que tiverem, em seu caminho, a etnografia ou que se sintam provocados por novos questionamentos e novas reflexões, visto que o que foi iniciado nesta pesquisa pode ter continuidade em trabalhos futuros. Assim, trata-se de uma obra aberta, uma etapa da trajetória dos pesquisadores envolvidos no trabalho.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Emília da gloria Moreira. **A divulgação científica para o grande público: o papel das relações públicas o caso do CIIMAR**. Porto, 2008. p. 132. Dissertação de Mestrado - Universidade Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/1056>>. Acessado em: 17 de jun. de 2019.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANJOS, Mayara Abadia Delfino dos. **Comunicação pública da ciência no ensino superior: diagnóstico preliminar e proposições sobre a divulgação científica na Universidade Federal de Uberlândia**. 2015. 159 p. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

BARROS, Antônio Teixeira. (Coord.). **Comunicação para ciência, ciência para comunicação**. Brasília, DF: Embrapa, 2003. p. 217-230

BERTOLLI FILHO, Claudio. Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-32, 2006. Disponível em: <<http://twixar.me/q6sn>>. Acesso em: 14 de jun. de 2019.

BLUMER, Herbert. A natureza do interacionismo simbólico. In: MORTENSEN, David. **Teoria da comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980. Disponível em: <<http://twixar.me/Dc6n>>. Acesso em: 17 de mai. de 2019.

_____. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Berkeley: University of California Press, 1969, 208p. Disponível em: <<http://twixar.me/QN6n>>. Acesso em 17 de mai. de 2019.

BUENO, Wilson da Costa. A divulgação da produção científica no Brasil: a visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras. **Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 7, p. 1-15, 2014. Disponível em: <<http://twixar.me/CBSn>>. Acesso em: 14 de jun. de 2019.

_____. Jornalismo científico. (Editorial). **Portal do Jornalismo Científico**. 2007. Disponível em: <<http://twixar.me/1xsn>>. Acesso em: 14 de jun. de 2019.

_____. Jornalismo científico: conceito e funções. **Rev. Ciência e cultura**. São Paulo, SBPC, v.37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985. Disponível em: <<http://biopibid.ccb.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 08 de out. de 2019.

CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Rev. Informação e Informação**. Londrina, v. 15, n. esp, p. 31 – 42. 2010 Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583/6763>>. Acessado em: 02 de nov. de 2019.

_____. **Relacionamento assessor de imprensa/jornalista: somos todos jornalistas.** IN: DUARTE, Jorge (org.). *Imprensa e relacionamento com a mídia*. 2 edição, São Paulo: Ed. Atlas. 2003, p. 306-313

_____. **Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria.** In: DUARTE, J.;

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; REGO, Denise Pereira do. *Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social.* **Rev. Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 30, p. 146-161, 2010. Disponível em: <<http://twixar.me/rysn>>. Acesso em: 17 de mai. de 2019.

CASATTI, Denise. **Viagem ao outro: Um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes.** 122 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-04082009-221701/publico/2350342.PDF>>. Acessado em: 18 de nov. de 2019.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS- CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil: 2019.** Resumo Executivo. Brasília, DF: 2019. 24p. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_publica_CT.pdf>. Acessado em: 02 de nov. de 2019.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Um modelo jornalístico de divulgação da ciência. **Revista brasileira de Comunicação**, nº 62/63. Intercom, São Paulo, 1990, p. 129-134. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1348/1297>>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

COLOMBO, Macri; LEVY, Denize. Jornalismo científico: divulgação ou disseminação, e sua relação com os cientistas. **Anais 8º. Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.** São Paulo. 2014. p.13 Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Macri-Elaine-Colombo-e-DENISE.pdf>>. Acessado em: 02 de nov. de 2019

COSTA, Juliana dos Santos Ferreira. **Comunicação pública, assessoria de imprensa e compromisso com a cidadania: o caso IFPE.** 2011. Monografia (Pós-graduação em Gestão da Comunicação Empresarial) – Faculdade Frassinetti do Recife, Recife. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/costa-juliana-comunicacao-publica-assessoria-de-imprensa.pdf>> . Acessado em: 03 de out. de 2019.

CROSS, Di; THOMSON, Simon; SIBCLAIR, Alexandra. **Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics.** Clarivate Analytics, 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>> Acesso em: 07 de nov. de 2019.

DUARTE, Jorge Antônio Menna; CARDOSO, F. D.; BARROS, Antônio Teixeira de; CARDOSO, Fernanda Devilla; SOUSA NETO, Henrique Rufino de; VIDAL, Juliana Silveira do Nascimento; ANJOS, Keule Gardenia Tôrres dos; OLIVEIRA, Maria Louiza Batista de; GUIMARAES, Marília Figueiredo. Transformações na atividade de Assessoria de Imprensa no Brasil: um panorama atual da atividade a partir de pesquisa de campo exploratória. **Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 11, p. 3-19-19, 2018.

FERNANDES, Luís. O sítio das drogas: etnografia urbana dos territórios psicotrópicos. **Rev. Toxicodependências**, vol. 2, 1995, p.22-32. Disponível em: <http://www.sicad.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/438/artigo3Apdf.pdf>. Acesso em: 17 de mai. de 2019.

FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, Christine; VERÍSSIMO, Nelson (Org.) **Educação e Cultura**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, p. 2008. Disponível em: <<http://twixar.me/vVCn>>. Acesso em: 21 de jun. de 2019

FRANCO, Lincoln. Em busca de uma atuação estratégica nas Assessorias de Imprensa. **Rev. Comunicação & Estratégia**. V. 3, Nº 4, 2006. Disponível em: <<http://www.comunicacaoempresarial.com.br/revista/04/comunicacoes/comunica13.asp>>. Acesso em: 07 de out. de 2019.

FRANCO, Melina Paixão. **Comunicação Pública da ciência: releases e reportagens sobre a UFU no Correio de Uberlândia**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

HRENECHEN, Vanessa Cristina de Abreu Torres; SOARES, Arthur Salvador. Análise da Assessoria de Imprensa como Atividade Jornalística. **Rev. Mídia e Contexto**, v. 3, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://unisecal.edu.br/wp-content/uploads/2019/05/Assessoria_Imprensa_Vanessa_e_Arthur.pdf>. Acessado em: 07 de out. de 2019.

JEON, Yun-Hee. The application of grounded theory and symbolic interactionism. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v. 18, p. 249-256, 2004. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15355518>>. Acesso em: 17 de mai. de 2019.

JOSEPH, Isaac. **Erving Goffman e a microsociologia**. Rio de Janeiro, FGV, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIMA, Lara Viviane Silva De. **Jornalismo de precisão e jornalismo científico: estudo de aplicabilidade**. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://twixar.me/Zxxn>>. Acesso em: 17 de mai. de 2019.

LOMBA, Cláudia da Cunha. **Fontes mais capazes vs Jornalistas menos perspicazes**. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/44677/1/Cl%C3%a1udia%20da%20Cunha%20Lomba.pdf>>. Acessado em: 21 de out. de 2019.

LOPES, Sara Isabel Silva. **Quem escreve e quem fotografa nos meios de comunicação: os desafios multitarefa para a geração multimídia**. Relatório de Estágio Mestrado em Ciências da Comunicação 2018. 161f. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/58813/1/9_DissertacaoCorrigida_PG33_285_SaraLopes.pdf>. Acesso em: 22 de out. de 2019.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17, n. 49, São Paulo, junho 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em: 14 de set. de 2019.

MALAGOLI, Daniela Ávila. **Da Divulgação Científica à Comunicação Pública da Ciência trajetória da Universidade Federal de Uberlândia e propostas para a instituição**. 2019. 116 p. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3a ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MATEUS, Samuel. A Etnografia da Comunicação. **Rev. Antropológicas**, Lisboa, n.13, 2015. Disponível em: <<http://twixar.me/sPCn>>. Acesso em: 21 de jun. de 2019.

MAZZARINO, Jane Marcia. O agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental. **Revista Fronteira** (Online), v.9, p. 53-63, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5841>>. Acesso em: 14 de out. de 2019.

MELLO, Pedro Paulo Thiago de. **Por trás da notícia: um olhar etnográfico sobre os ritos de interação numa redação de jornal**. 2009. 213 p. Tese de doutorado. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009. Disponível em: <http://ppg antropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/PEDRO_PAULO-THIAGO-DE-MELLO.pdf>. Acessado em: 21 de nov. de 2019.

MENDES, Gláucia da Silva. A construção da notícia sob a ótica etnográfica: contribuições da antropologia para os estudos de jornalismo. **Rev. Comunicação e Sociedade**. São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 283-303, 2013. Disponível em: <<http://twixar.me/QPCn>>. Acesso em: 21 de jun. de 2019.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. Fundamentos para a ciência do jornalismo: bases conceituais a partir de Weber e Groth. 2014. In: XV Encontro Nacional De Professores De Jornalismo e XI Ciclo Nacional De Pesquisa Em Ensino De Jornalismo. **Anais...** Fórum Nacional De Professores De Jornalismo. Disponível em: <<http://twixar.me/B2xn>>. Acesso em: 14 de jun. de 2019.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Autoridade científica em tempos de crise epistêmica: a circulação de teorias da conspiração nas mídias sociais. **Anais Compós - Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Comunicação**, 2019, Porto Alegre. XXVIII Encontro Anual da Compós, 2019. v. 28. Disponível em:

<http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_YUQX5XRFHQTV2TQEF9V_28_7916_25_02_2019_07_11_53.pdf>. Acessado em: 13 de out. de 2019.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREIRA, Fábio Henrique. As transformações no mundo dos jornalistas: a consolidação de novos valores profissionais a partir dos anos 1950. **Rev. Comunicare**. São Paulo, v. 9, p. 75-83, 2009. Disponível em: <<http://twixar.me/Wvsn>>. Acesso em: 14 de jun. de 2019.

PINTO, Manuel. (2000). Fontes Jornalísticas: Contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14. (online). Portugal. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

RIBEIRO, Laura Cançado; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Interação em sala de aula: questões conceituais e metodológicas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1986.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Rev. Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004. Disponível em: <http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/560/518>. Acesso em: 20 de dez. de 2019.

RUÃO, Teresa; LOPES, Felisbela; MARINHO, Sandra. O poder da assessoria de imprensa na saúde em Portugal: Organizações, protagonistas e técnicas entre 2008-2010. (2012). **IBER – International Business and Economics Review**, nº 3, p. 274-288. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5391/23_iber3.pdf?sequence=1>. Acessado em: 07 de out. de 2019.

SANTOS, Rogério. 2006. **A fonte não quis revelar**. Porto, Ed. Campo das Letras.

_____. 1997. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra, Livraria Minerva Editora, 215 p.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. 1. ed. Florianópolis: Combook, 2014. 96p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vm4RJfEo-zQC&oi=fnd&pg=PA5&dq=fontes+do+jornalismo+cient%C3%ADfico&ots=X3mNIUscCW&sig=GX_MdmrAFxha0xDSvU2bEzebiOQ#v=onepage&q=fontes%20do%20jornalismo%20cient%C3%ADfico&f=false>. Acesso em 13 de out. de 2019.

SILVA, Carmem Lúcia da. Interacionismo Simbólico: história, pressupostos e relação professor e aluno; suas implicações. **Rev. Educação Por Escrito**. Porto Alegre, v. 3, p. 73-84, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/11243/8591>>. Acesso em: 17 de mai. de 2019.

SILVA, Eugénio Alves da. As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. **Revista Angolana de Sociologia** [Online], v. 12, 2013, posto online no dia 01 março 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ras/740>>. Acessado em: 13 set. de 2019.

SILVA, Sílvia Patrícia Campos. **Fontes de Informação nas notícias: a queda da ponte em Entre-os-Rios nos jornais Público e Jornal de Notícias**. Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa. 2008, 86f. Disponível em: <<https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/886/1/12838.pdf>>. Acesso em: 22 de out. de 2019.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media. In: _____. **A Escola de Chicago**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006, p. 206-210.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia Strelow. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil - 2000 a 2010. **Rev. InTexto**. Porto Alegre, v. 2, p. 67-90, 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/22405>>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

TORQUATO, Gaudêncio. **Tratado de Comunicação Organizacional e Política**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 303p.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no Século XX**. São Leopoldo, Unisinos, 2001. 220 p.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, Antônio. e DUARTE, Jorge. (orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos », **Rev. Ponto Urbe** [Online], vol. 11, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/300>>. Acessado em: 14 de set. de 2019.